

oracão da família

Bem debaixo, Senhor, de Tua asa.
Coloca a nossa casa.

Nossa mesa abençoa, e o leito e o linho.
Guarda o nosso caminho.

Brole em torno ao jardim frutos e flores.
Nossa boca, louvores.

Conserva pura a fonte de cristal.
Longe, o pecado e o mal.

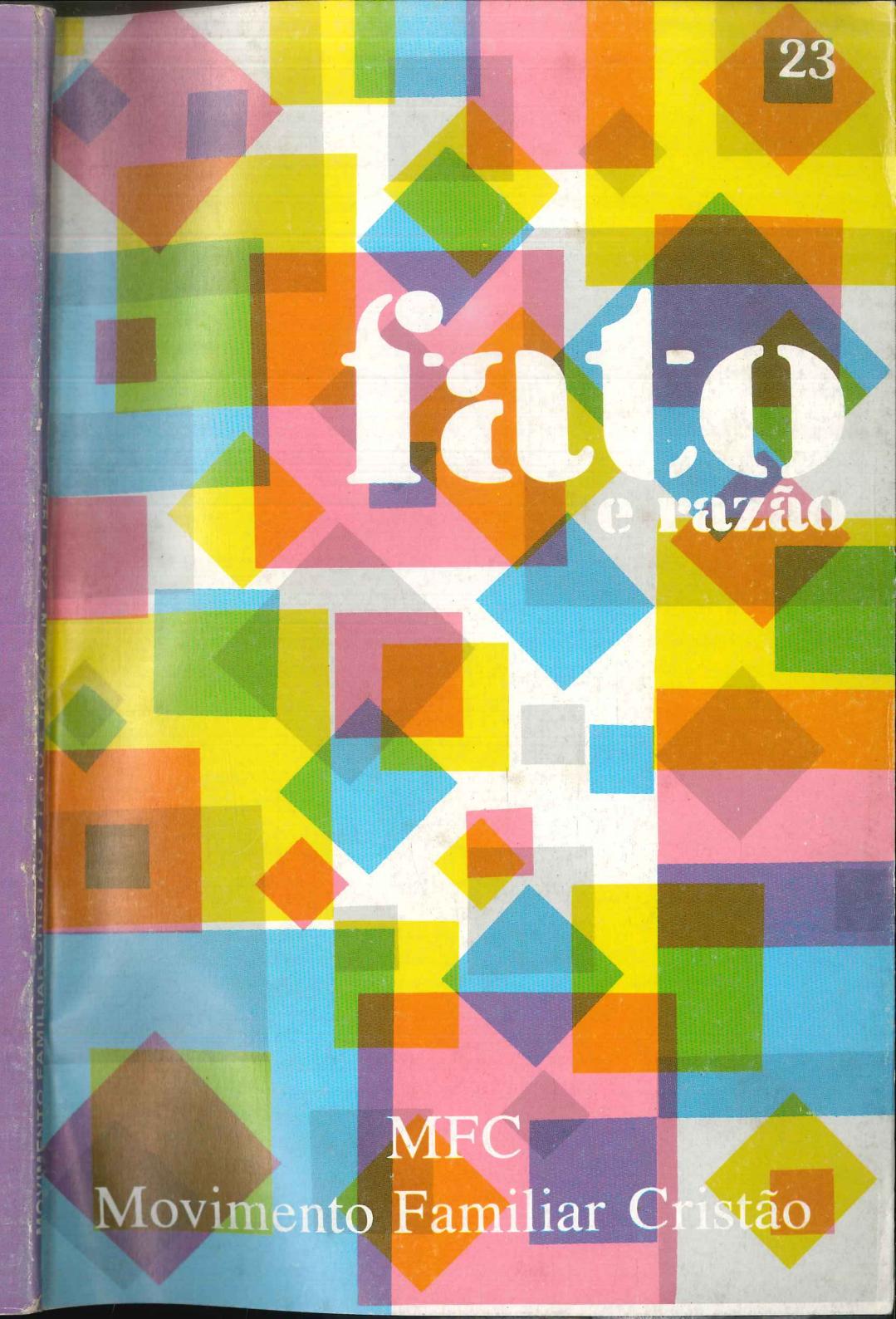
Repele o incêndio, apesté, a inundação.
Reine a paz e a união.

Bem haja na janela o azul do dia,
Na parede, Maria.

Encontre a noite quieta a luz acena,
Quente sopa na mesa.

Batam à porta o pobre e o viajor,
E Tu mesmo, Senhor!

Tranquilo seja o sono sob a cruz
que a outro sol conduz.



Recado ao leitor

Vivemos em permanente sobressalto.
Os acontecimentos, esperados e inesperados,
sucedem-se com extraordinária velocidade.

A TV nos traz, para dentro de casa, ao vivo,
tudo o que acontece no Brasil e no mundo.

Como interpretar e digerir tudo isso, cada dia,
tão desencontrados são esses acontecimentos?

Como relacioná-los entre si e descobrir a sua
lógica?

Mais do que nunca, caro leitor, dialogar, trocar
idéias com outros amigos, com os filhos, com o
parceiro do casal... ou acabamos atropelados pelos
acontecimentos, sem tomar posição ou assumir
atitudes adequadas diante dos problemas que vão
surgindo.

Esta sua revista, leitor amigo, pretende ajudá-lo
a avaliar criticamente os acontecimentos que os
meios de comunicação despejam todos os dias na
sua casa, de uma forma raramente verdadeira e
isenta, manipulando as informações segundo os
interesses das redes de TV, dos donos dos jornais
e de seus patrocinadores comerciais.

As perguntas que lançamos no final de cada
artigo, servem justamente para provocar a sua
reflexão, o diálogo familiar e as sempre proveitosas
reuniões de grupos de amigos ou movimentos.

S. & H.A.

Edição
Movimento Familiar Cristão

Conselho Diretor Nacional

José e Ione Assis
Arthur e Elza Diniz
Antonio e Sebastiana Leão
Mário e Ilma Silva
Margarida Rego
Carlos e Maria Nilza Mendes
Antonio e Marcolina Sanitá
Helio e Clara Lucia Martins
Newton e Lenir Pedroso
Lorici e Ermelinda Probst

Equipe de Redação

José e Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim

Consultoria

IBRAF – Instituto Brasileiro
da Família

Capa

“Quadrados”
Estudo gráfico de HMA.

Distribuição e Correspondência

Livraria MFC
Rua Espírito Santo, 1059/1109
Tel. (031) 222-5842
30160 Belo Horizonte-MG

fato e razão

SUMÁRIO

A lista de Castor	2
Pela ética no trabalho	4
Alegria	7
Não cair em tentação	10
Panorama e gravidade da pobreza ..	14
Paralisia na Igreja Católica	19
Candelária: duas sextas-feiras	22
Brasil, engenho de gastar gentes ..	26
Questionando	28
Alternativas para o Brasil	31
Instituição que vem de longe	40
Partilha e luta	43
Dificuldades e linhas de ação	44
Evangelho, fonte de vida	50
Prisão recupera?	54
A “conquista” da América	56
Para mamãe	58
Retornando à boniteza do Evangelho	60
Uma idéia falsa	65
Família, promotora do bem comum ..	66
A preservação da natureza	69
A consciência crítica	71
Celebração de Natal	73
“Conversando é que a gente se entende”	76
A alegria do encontro	78

A lista de Castor

O estouro do jogo do bicho no Rio, com repercussões em outros estados e em Brasília, exacerrou o sentimento que vem mobilizando a sociedade brasileira: a indignação diante da corrupção difusa e incontrolável, que penetrou em todos os setores e escalões do poder público. O setor privado participa como agente ou cúmplice nas aramações milionárias que associam super-faturamento com sonegação, contas-fantasmas com caixa-dois.

Assim, vamos assistindo a essa mal-cheirosa reação em cadeia (por enquanto com pouca cadeia) que partiu da assanhada desenvoltura de PC Farias tardiamente desmascarada, logo envolvendo o sócio-presidente fraternalmente denunciado, levando à "avant-première" mundial de um "impeachment", seguido do desmascaramento da quadrilha do orçamento, da cassação dos "deputados-de-programa" (preço do "passo": 30 mil dólares). Outros episódios de âmbito geográfico menor mas de igual carga explosiva se sucederam, motivados pelos escândalos maiores, desembocando, nestes dias, na ação cinematográfica do nosso Elliot Ness fluminense contra o Al Capone tupiniquim do bicho, tóxicos, carnaval e futebol. A "Lista do Castor" deixa na sombra o sucesso

da "Lista de Schindler" e seus "Oscars".

Qual a característica nova dessa bomba, que no fundo acrescenta pouco ao que todos sabíamos?

Vejamos: pela primeira vez, vemos provas concretas, materiais, escritas e de notável precisão sobre a abrangência da cumplicidade nacional com o crime organizado. Ao mesmo tempo, confirma-se a intrincada articulação entre todas as atividades criminosas importantes do país, ficando de fora somente os ladrões de galinhas, para os quais foram feitas as prisões.

Aprendemos, com a lista do banqueiro do bicho, as razões da falta de vontade política de desmontar a imensa quadrilha, que ajuda nas campanhas eleitorais e cobra a tolerância dos eleitos; vemos confirmado que o batalhão da PM do qual saíram os assassinos da chacina de Vigário Geral, era subvencionado "do comandante à sentinelas" pelo generoso banqueiro, com direito a registros minuciosos em seus livros-caixas, ao lado das remessas ao cartel de Cali, na rubrica tóxicos.

A frase do mês, ficou sendo a irritada exclamação de Castor de Andrade à cúpula do bicho, em reunião apressada num posto de gasolina, para tentar reparar o estrago: "Que

pólicia é esta que não me avisou!"

Começa agora a ladainha dos listados. Alguns assumem publicamente e, assim, acrescentam credibilidade e exatidão à lista. Outros negam com veemência pouco eficaz. Vai ser difícil escapar. Muitos saem em campo para convencer que o jogo do bicho é coisa inocente, profundamente arraigada na cultura popular e responsável por 200 mil empregos.

Só um cidadão, justamente venerado pelo povo por suas raras qualidades, entra na lista sem estar nela! Justamente por essas qualidades movido, Betinho chama a imprensa e informa que está na lista, oculto por elipse, como nos exercícios de sintaxe.

Os outros figurantes exultam! Com essa fulgurante companhia, estaríos todos absolvidos, pensam.

Ora, permitir que o dinheiro da iniquidade salve vidas, nada tem que ver com vender proteção, cumplicidade e tolerância criminosa. É indispensável discernir, não misturar as coisas. Porque é isto que farão os que se beneficiaram da promiscuidade com a contravenção, o crime e a exploração da economia do povo, com seus carnavales milionários, manipulação de resultados de partidas de futebol e dos próprios sorteios diários de jogo do bicho, chave-mestra dos lucros fantásticos dessa atividade desonesta.

Por fim: não seria este o momento propício para vasculhar-se



uma atividade altamente suspeita, desenvolvida ruidosamente sob a capa da legalidade, usando mecanismos de exploração da economia popular bem parecidos aos do jogo do bicho? Temos fortes suspeitas de que uma investigação competente e honesta nas telesenas, baús da felicidade e papatinhos aumentaria a arrecadação da Receita Federal e a gente simples que aposta seria menos lesada. Não será fácil. Os interesses econômicos são enormes e não será pecado suspeitar que um dia nos surpreenderíamos com uma "Lista do TV-Jogo". De bom tamanho.

- As diversas formas de jogos e loterias estão afetando a vida das famílias na nossa cidade?
- As pessoas que jogam e apostam sabem que estão sendo enganadas e roubadas? Como enfrentar problemas desse tipo?

Pela ética no trabalho

Herbert de Souza

Um país que exclui, que não se organiza para propiciar trabalho, emprego, renda para todos os seus habitantes não é ético é perverso. Uma economia que não integra todas as pessoas não é ética. Uma sociedade que só oferece possibilidades de trabalho normal, regular, remunerado para uma minoria, e que deixa a maioria à margem, à margua, não é democrática, é imoral.

Depois de tantos anos do chamado desenvolvimento, percebemos que o Brasil é um paraíso para uma minoria, um purgatório para a maioria e um inferno para 20% de seu povo. E tudo isso porque excluiu do trabalho, do emprego, da renda e da terra a maior parte de sua própria população.

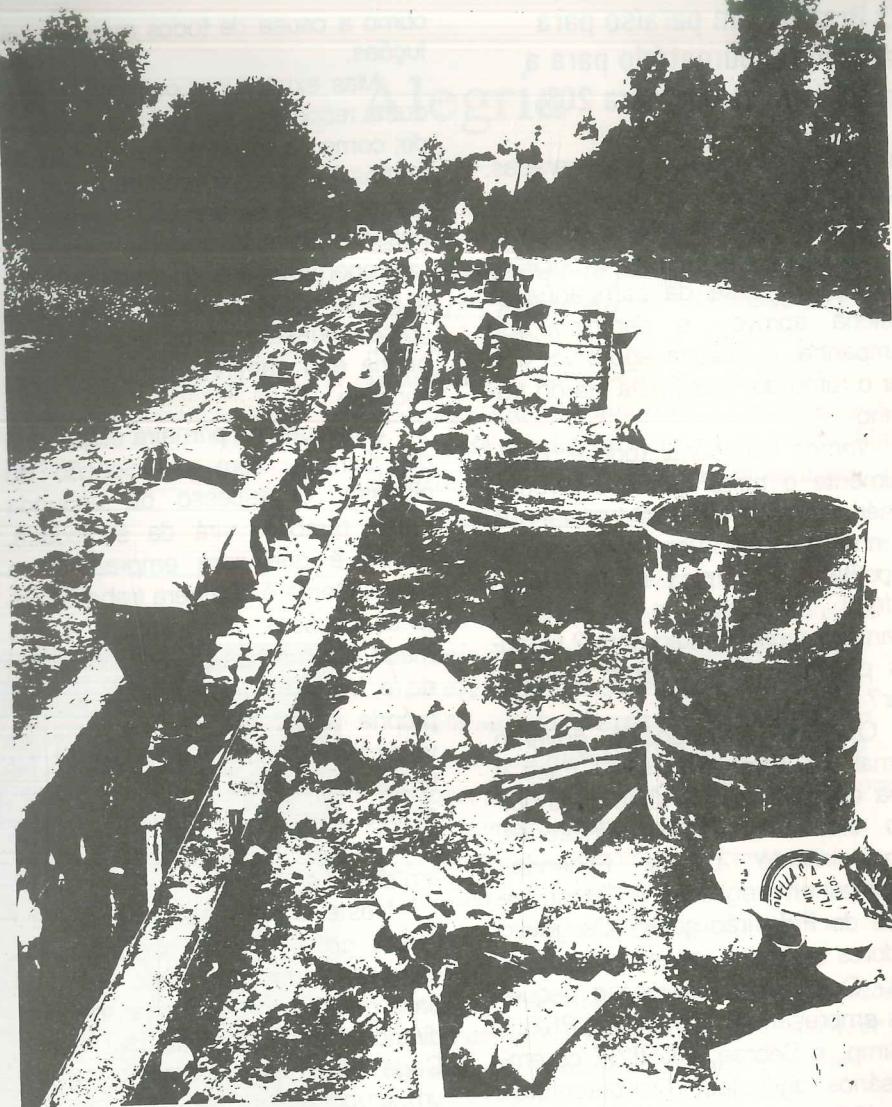
A Ação da Cidadania Contra a Miséria e Pela Vida, depois de mobilizar a sociedade para se confrontar com o problema da fome, depois de distribuir alimentos para muita gente, depois de se organizar em milhares de comitês e principalmente de despertar uma grande onda de solidariedade humana como jamais

se viu entre nós, está desafiado a dar um passo à frente no processo de mudança do País.

Para erradicar a miséria é fundamental repensar toda a economia, reorganizar a política, transformar nossa cultura para chegarmos a um país onde todas as pessoas tenham trabalho e possam viver dignamente de seus salários, possam comer segundo suas necessidades e preferências, educar seus filhos e garantir saúde e segurança para todos os membros de sua família. É fundamental dar um passo à frente em direção ao trabalho.

Em sua primeira fase, a da solidariedade contra a fome, a campanha teve de enfrentar muitas dúvidas e críticas. Distribuir comida é assistencialismo, diziam. Não resolve, não leva a nada, afirmavam. O fundamental é ensinar a pescar e não dar o peixe, filosofavam, enquanto aguardavam as reformas estruturais que, estas sim, prometem o fim da miséria. Mas, não se perguntavam se a sociedade estava disposta a compartir o que tinha, se cada um queria cuidar de si ou de todos. Se queríamos ser uma nação ou um bando de gente cuidando da própria sobrevivência.

A campanha demonstrou que é possível distinguir assistencialismo



de solidariedade humana. Que para pescar é preciso estar vivo.

Que a solidariedade humana é fundamental na emergência dos que morrem de fome enquanto aguardam a materialização das propostas de mudanças de estruturas. E estas reformas estruturais só acontecem quando as mudanças do dia-a-dia

ocorrem pela ação de todas as pessoas. Mais do que isso, a campanha ganhou a alma e a mão da população brasileira, abrindo as duas para a solidariedade.

Agora, estamos diante de um desafio maior. Não somente distribuir comida, mas dar trabalho. Inventar emprego, integrar todas as pes-

Herbert de Souza o Betinho, é a alma da Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, agora também orientada para a luta pelo emprego.

O Brasil é um paraíso para a minoria, purgatório para a maioria e inferno para 20%

soas em atividades remuneradas. Com salário, cada um pode começar a exercer minimamente sua cidadania. E vamos reproduzir o sucesso da primeira fase da campanha. A maioria aprovou e participou da campanha. A maioria agora vai mudar o rumo do Brasil pela via do trabalho.

Vamos questionar tudo e principalmente o rumo que nos levou à miséria, a esse apartheid social que se chama Brasil. Vamos questionar a política econômica dos governos federal, estaduais e municipais: quantos empregos irão gerar? Quantas pessoas irão começar a trabalhar?

Quantos empregos o governo Itamar vai gerar em 1994? Essa é uma questão crucial. Que contribuição efetiva darão os ministérios, principalmente o da Fazenda? Quantos empregos as 4.794 prefeituras do País irão gerar? Os governadores e todos os seus secretários? Os grandes, médios e pequenos empresários? A Fiesp, o PNBE, o Simpi, o Sebrae, a CNI? E os empresários agrícolas? Os detentores dos 100 milhões de hectares de terras ociosas? Quantos empregos a terra pode gerar no Brasil, agora? Essa é a mudança que deverá vir de cima, dos governos, das instituições, da chamada estrutura, apontada

como a causa de todos males e soluções.

Mas existe uma outra mudança, outra resposta que virá da sociedade; como os milhares de comitês da campanha poderão contribuir para a geração de empregos? Como as pessoas comuns poderão gerar novas oportunidades de trabalho para o comum das pessoas? Essa é a grande questão desta fase da campanha e o caminho seguro de seu sucesso.

A solução da primeira etapa veio da planície, com participação do planalto. O sucesso da segunda etapa também virá da sociedade. Gente é que gera emprego para gente. Gente é que gera trabalho para as pessoas. A sociedade é que muda o rumo das políticas do Estado e inventa novos modos de sua própria existência. A economia, na verdade, é a soma ou a divisão de todos nós. Nessa campanha aprendemos a somar e a integrar, contra uma economia que se especializou em dividir e excluir.

Neste ano teremos uma eleição quase geral. Vamos perguntar aos candidatos que propostas eles têm para gerar empregos, criar trabalho, distribuir renda, democratizar a terra. Cada comitê vai se transformar em um grupo de pressão, de pergunta, de mudança. O Brasil poderá transformar 1994 no ano da mudança. De um país de uns poucos para o Brasil de todos, vivendo e trabalhando para viver com dignidade, com ética, com cidadania.

- *O que temos feito na Campanha contra a Fome?*
- *O que podemos fazer para gerar empregos?*

Alegria

Rubem Alves

"Não, eu não quero prazer! Eu quero alegria!". Era isso o que dizia uma das amantes de Tomás, o médico de A Insustentável Leveza do Ser. E Tomás ficava perdido porque prazer ele sabia dar, é coisa de receita fácil, mora no corpo. Mas alegria é coisa mais sutil, mora na alma, no lugar das fantasias e da saudade.

Há um jeito fácil de se saber se o que se sente é prazer ou alegria. Basta prestar atenção no corpo. Se ele for ficando cada vez mais pesado, é prazer. Se for ficando cada vez mais leve, é alegria.

Todo mundo já experimentou isso num churrasco ou numa feijoada. A comida é gostosa, agrada boca e nariz, boca sempre cheia, dentes incansáveis, mais uma cervejinha e, aos poucos, a gente vai ficando desanimado, estufado, incomodado, não agüenta mais. Pena que o costume romano de ter um vomitório em cada refeitório tenha sido esquecido, quem sabe algum arquiteto imaginoso vai convencer um dono de restaurante a introduzir tal progresso no seu estabelecimento.

O prazer é sempre assim: ao final o corpo diz: "Chega! Não agüento mais!". E isso é verdade também para as coisas do amor carnal. No ônibus a mocinha incansavelmente se dedicava a abraçar, acariciar, apalpar, beijar, mordiscar o namorado, coitadinha, pensando que assim os desejos dele seriam acesos de forma incontrolável, e ele nunca mais a



abandonaria. Fiquei com dó dela, por não entender as coisas do prazer, e dele, pois de forma alguma gostaria de estar na sua pele. O final, que não presenciei, era inevitável: ela seria mandada embora.

E era justamente isso que o Tomás fazia com todas as suas amantes: não deixava que nenhuma delas dormisse em sua casa. Terminada a orgia do amor, tratava de chamar um táxi e despachá-las para suas casas, porque sua maquineta de prazer não era realejo que fica tocando enquanto se toca a manivela. Há manivelas que, depois de algumas voltas, se recusam a girar de novo, ficam emperradas. Assim é a máquina do amor — tanto nos homens quanto nas mulheres.

Com a alegria é diferente. O corpo vai ficando cada vez mais leve, quanto mais come com mais fome fica.

Você vai dizer que não pode ser, que não existe jeito de comer sem se encher. Pois eu digo que tudo tem a ver com a fome que se tem e com a comida que se come.

Foi justamente isso que pôs meu realejo de pensamento a funcionar. E esse realejo, posso assegurar, não precisa de manivela para produzir música, é moto-contínuo, movido por alegria, pois pensar é uma alegria, brincar com as idéias, como se fosse criança brincando, criança não se cansa, só pára de brincar por imposição dos superiores, pois brinquedo, além de dar prazer, dá alegria também. E é por isso que mesmo quando o corpo é obrigado a parar, a cabeça desobedece e continua a brincar. O que não é o caso do prazer, pois quem seria louco de continuar a comer feijoada no pensamento se o estômago não agüenta mais? Barriga que se encheu gostaria mesmo é de se esquecer do que comeu...



Uma outra diferença é que o prazer, para acontecer, precisa que a coisa exista. Ele precisa da feijoada, do churrasco, da boca que dá o beijo. Já a alegria, para haver, não precisa que a coisa exista. O que me faz pensar que ela deve ser mais divina que o prazer pois, a se acreditar no Riobaldo, Deus é aquele que é, mesmo quando não existe.

A alegria é coisa de criança. Pois criança se alegra com qualquer coisa, bolinha de gude, pião, casa de toquinho, torre de dominó, panelinha de fazer comidinha, coisas do mundo de faz-de-contas.

E percebi que também sou assim. Claro que meu pensamento sabe trabalhar as coisas importantes. Mas quando ele está livre e não lhe dou uma tarefa a cumprir, ele anda vagabundo como criança, do jeitinho do Menino Jesus, como conta o Alberto Caeiro, brincando com idéias sem importância, como os riachinhos, as cachoeiras, as saracuras, os pintassilgos, os pica-paus, as araucárias, um inútil monjolo velho, um forninho de barro que ainda não fiz, as galinhas d'angola que ainda não estão lá, uma casinha que vou fazer para a minha neta, tudo lá nos ermos da Mantiqueira, mesmo quando lá não estou, só na imaginação, que é o lugar onde a alegria vem, me faz virar menino e começo a voar como o Peter Pan.

Pra quem não sabe, é bom prestar atenção. Assim também é o amor. Para alguns, a dita pessoa amada é só objeto de prazer, feijoada, comeu, gostou, ficou cheio, enjoou... Para outros, a pessoa amada é alegria leve do pensamento, que brinca com ela mesmo quando está longe. Esses estarão sempre com fome...

Não cair em tentação

Dom Lucas Moreira Neves
Cardeal-arcebispo de Salvador
e primaz do Brasil

Um dado país, atravessa, em dada ocasião, as Forças Caudinas, apertadas e angustiantes, de uma grave crise – e trava uma dramática batalha para superá-la e viver. Que resultado terá isso na vida e na história desse povo?

O leitor estará pensando que falo do Brasil, garroteado, não por uma, mas por duas crises sucessivas: a do impeachment aplicado a um presidente constitucional e a de uma CPI que, escapando a toda tendência corporativista, propõe ao Parlamento cortar na sua própria carne, sem complacência, para salvar o organismo social. Mas posso estar falando também do Peru e sua “fujimorização”. Do México e da ressurgência “zapatista”. Da Itália de “mãos limpas” e consciência atormentada. Da Rússia e seus conflitos. A pergunta é a mesma: Passado o desfiladeiro da crise, que é que acontece?

Pode acontecer o melhor e o pior. É certo que uma crise, em si mesma, não é um mal. É algo de positivo (na sua raiz grega significa simplesmente crivo) e seus frutos podem ser de purificação e saneamento profundo. Mas a angústia e até o traumatismo da crise terão um desdobramento ainda mais angustiante e traumático, serão, portanto, contraproducentes, se o povo

que passa pela crise – governantes e governados – cair em tentação e, por isso, não se livrar do mal. No nosso caso brasileiro, e referindo-nos apenas aos fatos recentes de uma história deplorável, por não termos evitado as tentações, a primeira crise degenerou em outra de igual profundidade e extensão.

Não cair nas tentações. Mas, que tentações?

Por exemplo, a da **superficialidade**, que consiste em etiquetar a crise como só política, ou só econômica – portanto, meramente conjuntural – sem perceber que, na verdade, e em profundidade, é uma crise estrutural porque é moral. Não pode faltar a ombridade e a coragem de reconhecer que estão em jogo **valores morais**, e que, por isso, há uma parte do organismo social em franca decomposição.

Outro exemplo, a tentação de duas posturas aparentemente contraditórias, mas freqüentemente ligadas entre si: a da “metralhadora giratória”, acusação indiscriminada e generalizada com o perigo de se concluir que, se todos são criminosos, ninguém é criminoso; ou, ao contrário, a da criação de alguns bodes expiatórios sobre os quais fazer pesar todas as culpas e assim concluir que os culpados já foram encontrados – e portanto todos os



outros são inocentes.

Essa tentação da **generalização** traz o perigo da **demonização** (ou **satanização**) de setores inteiros da sociedade (os políticos, os militares, os intelectuais, os padres...) e pode tornar-se explosiva; acontece isso quando se cria um vazio institucional, gera-se desconfiança univer-

sal e desespero quanto à possibilidade de reconstruir as ruínas – e se acaba por acender uma indignação incontrolável. Mas não é menos grave quando, em lugar de produzir indignação, destila descrença, desconfiança, passividade, frustração e, afinal, desalento. A depender das características culturais, das histórias

A indignação dos ressentidos costuma ser tão violenta quanto a dos violentos.

ou das experiências de cada povo, poderá florescer uma ou outra das duas atitudes, indignação e descrença, sem esquecer que a indignação dos ressentidos, normalmente inertes e resignados, costuma ser tão violenta quanto a dos violentos.

Que dizer da tentação do **mitismo**? Num mundo onde delinquir é a norma e prevaricar é a lei, seria quase impensável que espíritos

fracos e mal formados não escolham também o caminho da delinqüência e da prevaricação. Isso, tanto mais quando delito e prevaricação ou rendem dividendos ou são premiados, ou dão prestígio e poder, ou, pelo menos, ficam impunes. Não conheço um país, uma sociedade, um grupo humano, no qual a impunidade não se torne mãe fecunda de toda sorte de criminalidade. Neste sentido não regateio aplausos às CPIs legalmente convocadas e constituídas, quando essas, com sacrifício pessoal dos seus integrantes, com espírito de autêntico patriotismo, sem concessão ao revanchismo, cumprem sua árdua missão. Essa ficaria, porém, desacreditada se, encerrada uma CPI, suas indicações não tivessem um

Deus nos livre da tentação de descer e desesperar da democracia.

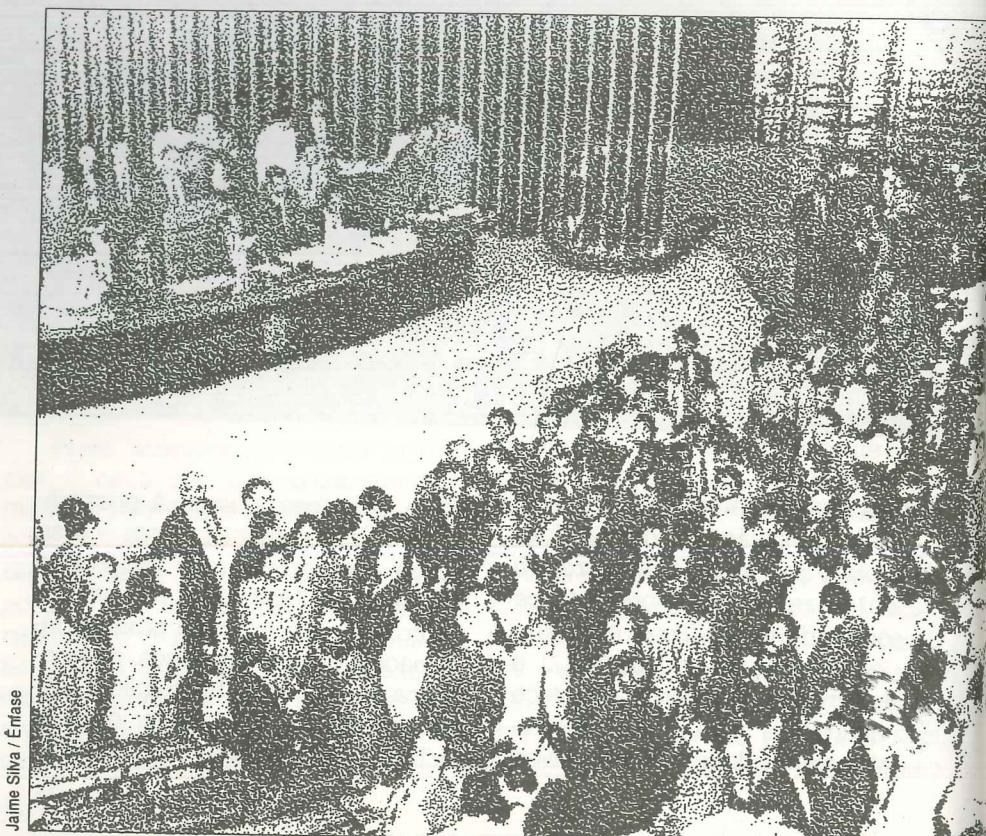
seguimento justo e eficaz.

Deus nos livre e guarde de outra tentação, insinuante, se bem alimentada, capaz de influir em mentes nas quais menos esperava: a **tentação de descer e desesperar da democracia**. De pensar que, se o preço da democracia são crises recorrentes, com seus reiterados problemas, então, melhor abrir mão dela e pagar o preço do autoritarismo, se for o caso até da tirania. Se alguém na democracia só percebe e só aprecia seus aspectos formais – seus ritos, seus regulamentos – pode-se até compreender que este alguém julgue mais ágil o poder absolutista. Mas, se por democracia, se entende liberdade com responsabilidade, participação popular, distribuição do poder, cidadania tão perfeita quanto possível, então, por frágil e delicada, ameaçada e assediada que seja, é a forma mais humana de governo. Alguém alegará que nos

governos discricionários não há tanta notícia de erros e corrupção. Mas quem pode dizer que a corrupção disfarçada e/ou encoberta seja melhor e mais saudável do que a revelada?

Resta uma tentação, bastante difusa, a de continuar delegando tudo e tudo depositando nas mãos de um Estado mastodôntico, onipotente e assistencial, e, freqüentemente, insuficiente para cumprir todas as tarefas que se atribuem ou lhe atribuímos. Talvez a lição mais importante das **crises** que explodem nas instâncias, aparelhos e poderes do Estado consista em lembrar a importância dos sujeitos intermediários na vida social. Se da “autoridade” o cidadão comum espera e pretende tudo, é fácil que perca o ânimo diante das suas “fraquezas”. Na lógica da subsidiariedade, segundo a qual cidadãos, famílias, grupos e comunidades se descobrem responsáveis e eficazes, talvez as crises sejam menores e menos fatais. Por isso, a doutrina social da Igreja, de Leão XIII e João XXIII, de Paulo VI e João Paulo II, dá tanta importância àqueles organismos intermediários e à lógica da subsidiariedade. Que rima perfeitamente com solidariedade.

- A crise ética tem levado à recuperação de valores morais que estavam esquecidos? Quais valores? Há sinais dessa recuperação?
- Estarão presentes, no nosso meio, as tentações descritas neste artigo? Quais são as mais perigosas? Por que?
- Como vencer essas tentações para que da crise resulte um Brasil melhor? Exemplos.



Jaime Silva / Época



A fome é imoral.
Faça alguma coisa.

Panorama e gravidade da pobreza

Plínio Arruda Sampaio
Advogado, professor da PUC-São Paulo

Os números e as fotografias da pobreza têm sido mostrados à população brasileira por meio de estatísticas, ensaios científicos, artigos da imprensa, programas de rádio e TV, sem contar o invariável desfile de situações de miséria que os partidos incluem nos programas de propaganda política. Qualquer brasileiromediamente informado sabe, portanto, que metade da população brasileira vive na pobreza e que um terço dos pobres encontra-se em situação de miséria.

Sabe ainda que o maior número de pobres concentra-se nas cidades, mas que é no campo onde vivem os mais miseráveis; que há pobres em todos os estados brasileiros, mas que os do Nordeste apresentam maior porcentagem no total da sua população, e que os pobres nordestinos são mais pobres do que os outros.

Sabe, finalmente, que a pobreza atinge mais duramente as mulheres, as crianças e os idosos, e que os nebulosos sinais são a fome, o analfabetismo, a favela, o cortiço, o subemprego, o desemprego, as doenças endêmicas e, agora, a cólera.

Até há pouco tempo, os brasileiros bem situados na vida podiam se dar ao luxo de, senão ignorar com-

pletamente, pelo menos furtar-se à visão dessa pobreza, porque a informação escrita pode deixar de ser lida e basta um suave toque no monitor da TV para fazer sumir da tela qualquer imagem que desagrade. Mas, ultimamente, esse comportamento defensivo está se tornando cada vez mais difícil. A população cresceu, o número absoluto de pessoas em estado de penúria elevou-se substancialmente, de modo que, salvo o restritíssimo círculo dos que usam helicóptero para seus deslocamentos urbanos, todos os demais topam com a pobreza a cada instante nas favelas, embaixo das pontes e viadutos, no formigamento das redondezas dos cortiços, nos ambulantes postados nos faróis de tráfego, nos pedintes que os abordam nas ruas. Não! Ninguém pode alegar desconhecimento da existência da pobreza neste país.

Parece, contudo, que essa visão não está sendo suficiente para fazer com que se exija a eliminação dessa chaga social. Afastamo-nos da pobreza, protegemo-nos dela, mas não tomamos uma atitude decidida para pôr-lhe fim. quem sabe se uma reflexão sobre a gravidade do fenômeno contribua para modificar essa atitude egoísta e míope?



Sociedade de “Apartheid”

A pobreza é grave sob dois aspectos: o da construção da nacionalidade e o da retomada do crescimento.

Somos um projeto de nação. O principal obstáculo para a concretização desse objetivo consiste precisamente na divisão que a pobreza causa entre os brasileiros. Ricos e pobres existem em todas as nações, mas a distância abismal que separa esses dois estratos na sociedade brasileira opera como um fator de bloqueio da nacionalidade. Uma nação baseia-se em sentimentos de identidade, igualdade e solidariedade compartilhados pelos seus membros, que derivam de esforços, de sagas gloriosas e de grandes lutas realizadas pelos nacionalistas do País ao longo do tempo. O passado colonial que dividiu a nossa história em duas histórias distintas – a dos senhores e a dos escravos – impossibilitou essa memória comum e desgraçadamente ainda marca o nosso presente. Só isso pode explicar a espantosa insensibilidade dos que estão “bem de vida” diante do sofrimento inaudito dos milhões que ficaram para trás.

A construção da nação brasileira depende da superação dessa dicotomia. Se esse objetivo não for atingido, viveremos em uma sociedade de apartheid, com todo o cortejo de ressentimentos e violências que a palavra significa. Jamais em uma nação, no sentido pleno do termo.

Se isso não bastar para demonstrar a gravidade do problema,

Uma nação baseia-se em sentimentos de identidade, igualdade e solidariedade compartilhados pelos seus membros.

pode-se enfocá-lo por outro ângulo tão crucial quanto o primeiro: o da relação entre a pobreza e as extraordinárias transformações que estão ocorrendo na esfera da produção econômica e que conformam a Terceira Revolução Industrial.

Três são os fatores fundamentais para a inserção dos países nessa revolução: grau de instrução do povo; escala de produção; e interesse dos trabalhadores.

De acordo com os novos métodos e processos produtivos, o esforço manual que os trabalhadores realizam na linha de produção deixa de ser necessário e passa a ser feito pelas máquinas robotizadas. O trabalhador deve agora operar essas máquinas, o que exige dele qualificação intelectual muito superior à do período passado.

Além disso, a busca da inovação, a necessidade de reduzir custos e de obter produtos de alta qualidade, bem como articular produtores com fornecedores e usuários, supõem trabalhadores motivados, com horizontes de vida e projetos de realização pessoal, aptos a captar a complexidade das novas formas de produção.

Finalmente a necessidade de inovar requer a realização de pesados investimentos em pesquisa de novos produtos, novos materiais, no-

vos processos, e esses gastos só se amortizam quando o volume de vendas é elevado, ou seja, quando a população tem poder de comprar para adquirir grandes volumes de produção.

Competitividade, crescimento e equidade social

A incompatibilidade entre esses três requisitos e o grau de pobreza da imensa maioria dos trabalhadores brasileiros são tão evidentes que dispensam maiores argumentações. Uma pessoa analfabeta ou semi-analfabetizada, que se alimenta mal, mora em uma favela e não tem outro projeto de vida senão o de sobreviver até o dia seguinte, pode ser empregada de oito a dez horas por dia em uma linha de produção para acionar uma alavanca ou apertar um botão; mas não pode, em hipótese alguma, realizar as complexas operações requeridas pela produção moderna. Uma empresa que copia tecnologia pode organizar-se para produzir em quantidades relativamente pequenas. Não assim a que precisa inovar constantemente, a fim de competir no mercado. Como pode uma população de pobres e miseráveis fornecer a escala requerida para que as empresas possam pesquisar novos produtos, novos processos, novas formas de produzir?

Nem pensar, portanto, em competitividade, modernidade, retorno e crescimento econômico estável enquanto a pobreza não for eliminada.

Não é o caso de confundir competitividade, modernidade, necessidade de escala, inovação, consu-

Um trabalhador analfabeto, que se alimenta mal e não tem outro projeto de vida senão o de sobreviver até o dia seguinte, não pode realizar as complexas operações requeridas pela produção moderna.

mesmo capitalista. Trata-se de exigências que estão colocadas hoje para qualquer sociedade que recuse o retrocesso econômico e cultural – adote ela um modelo capitalista, social de mercado, social-democrático ou socialista reformado, como se tenta implantar na China, atualmente.

A explicação mais aceita hoje sobre o êxito dos países que estão na dianteira da nova revolução industrial enfatiza o caráter sistêmico da competitividade e a articulação entre crescimento e equidade social.

No mundo deste final de século, a competitividade não é mais da firma destacada, do “setor de ponta”, da região mais desenvolvida, mas do país como um todo, abrangendo seu parque produtivo, suas instituições jurídicas, políticas e culturais. Evidencia-se desse modo que não pode haver competitividade sem cidadania, e não pode haver cidadania sem redução do abismo que existe atualmente entre ricos e pobres. O crescimento econômico exige maior dose de equidade.

“Pé na terra” e determinação. A gravidade da pobreza manifesta-se, finalmente, na dificuldade de encontrar-lhe um remédio eficaz, porque

não há como solucioná-la sem recorrer inelutável e irrecusavelmente a uma forte redistribuição da riqueza e da renda. A pobreza, como ensinam os principais estudiosos do assunto, deriva substancialmente da falta de títulos para apropriação de parcelas do produto gerado na economia, de modo que, para terminar com ela, é preciso redistribuí-los. Isto basta para demonstrar que toda distribuição de renda tem um caráter traumático. Acrescente-se que não é nada fácil articular esse processo de distribuição dos títulos que dão acesso à renda com a necessidade de acumulação de capital. Nas economias de mercado, se essas políticas interferirem na lógica da acumulação capitalista, chegará o momento em que não haverá o que distribuir. Nas economias de planejamento centra-

lizado, e inexistência de mecanismos de mercado gerou a estagnação tecnológica, como o demonstraram as recentes experiências Leste europeu.

Colocações reducionistas, otimistas, ingênuas, objurgatórias, moralistas ajudam pouco na superação dessas dificuldades. O que se requer é conhecimento sólido das realidades sociais, "pé na terra", forte compromisso com as regras de funcionamento da economia. Isso, porém, não basta. A miséria não será eliminada sem que haja nos diversos segmentos sociais pessoas determinadas a fazê-lo; essa determinação só poderá decorrer de uma sólida convicção a respeito da necessidade da medida para que o país possa progredir economicamente e converter-se em uma verdadeira nação.

- *O que está ao nosso alcance fazer para mudar as coisas no nosso país? na nossa cidade?*
- *Como desmascarar os interesses que estão por trás da propaganda política, impedindo as mudanças necessárias?*



O gato do guru

Quando, cada tarde, sentava-se o guru para as práticas do culto, sempre andava, por ali, o gato do templo, distraindo os fiéis.

Por isso, o guru ordenou que prendessem o gato, durante o culto da tarde.

Muito depois da morte do guru, seguiam amarrando o gato durante o culto.

E quando o gato morreu, foram buscar outro gato para o templo, para poder prendê-lo durante o culto da tarde.

Séculos mais tarde, os discípulos do guru escreveram tratados eruditos sobre o importante papel que desempenha o gato na realização do culto, como é devido sempre fazer.

Motivos de preocupação

Paralisia na Igreja Católica

Pedro A. Ribeiro de Oliveira
Sociólogo, professor da UFRJ

O processo de restauração desencadeado com o pontificado de João Paulo II tem abafado todo sopro vital na Igreja, em nome da identidade católica. Os esforços de renovação correm por baixo do pano – como no 8º Encontro Intereclesial de CEBs em Santa Maria – mas quando vêm à tona são barrados. Parece que o temor à democracia leva muitas autoridades eclesiásticas – desde o papa até o vigário coajutor – a uma atitude defensiva. Quando lhes falta argumento teológico, colhem as inovações pastorais impedindo-lhes o acesso ao espaço eclesiástico ou, como fazem os banqueiros, negando seu aval a projetos de ajuda externa.

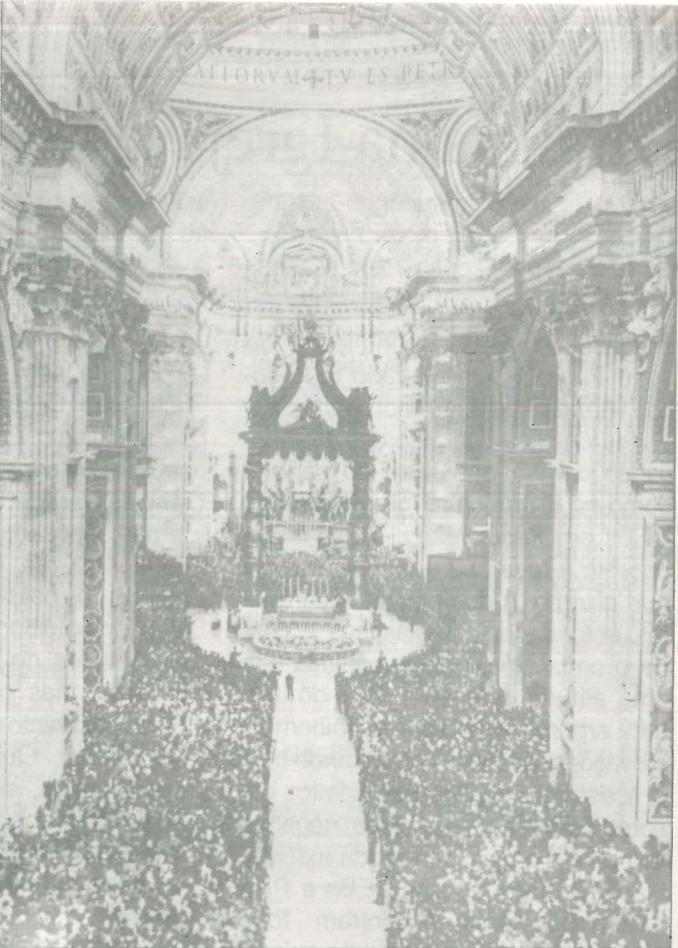
É verdade que as CEBs e Pastorais populares encontram forte apoio em amplos setores do episcopado e do clero: mas é também verdade que a Igreja que foi uma força histórica dos pobres na sociedade, está acometida de paralisia. Aos poucos, vai-se tornando uma instituição que só é levada a sério por seus próprios dirigentes. Uma Igreja ranheta que quer provar a todo custo que sempre teve, tem e terá razão.

Sei que a comparação não cabe inteiramente, mas à política vaticana de manutenção da identidade católica a qualquer preço, a intolerância com os dissidentes, a unificação cultural forçada, bem como a formação

de uma hierarquia eclesiástica que mais parece um partido único que tudo sabe, sem o qual nada pode ser feito, são traços que fazem pensar no stalinismo. Sabemos quais foram seus resultados na URSS: as apariências foram mantidas por longo tempo, enquanto, corroídas pelo totalitarismo, se desfaziam as bases sociais e políticas do sistema. O ideal revolucionário transformou-se em retórica de uma burocracia que colocava nas praças a estátua de Lênin enquanto corrompia os valores socialistas. Quando desemoronou, constatamos, surpresos, que a imponente fachada que enganou até mesmo aqueles que a conhecemos de perto já estava há muito desvitalizada.

E na Igreja? Exemplo que faz pensar é o da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Há 20 anos ela zela pela ortodoxia católica, repetindo incansavelmente a doutrina vinda de Roma. Nesse esforço ela empenha todas as suas organizações, seu poder econômico e sua presença constante nos grandes jornais e na TV. Entretanto, pouca gente lhe dá ouvidos, porque a Igreja não sabe agir dialógicamente na direção das consciências e das vontades. O resultado é sua pequena influência na vida social e política da cidade. Seu catolicismo pouco ou nada diz aos ho-

O Concílio Vaticano II redefine a Igreja como Povo de Deus, com a missão de humanizar todos os homens, valorizando o papel dos leigos e substituindo o modelo de relações autoritárias pelo convite à comunhão e participação.



mens e mulheres de hoje, principalmente aos mais pobres e sofridos, que se submetem à violência do Comando Vermelho, do Jogo do Bicho e da Policia porque não encontram quem os ajude a organizar-se por si próprios. Respeitadas nas favelas cariocas são as Igrejas cren tes; a católica já não conta mais...

É claro que a influência católica ainda deverá perdurar por muito tempo, principalmente nos ambientes de raízes rurais; mas é inegável que a Igreja esteja sofrendo o pro-

cesso lento, gradual e seguro de corrosão de sua credibilidade. Mesmo nas famílias católicas, percebe-se a dificuldade dos pais para transmitir sua fé à nova geração. As crianças aprendem o catecismo, fazem a primeira comunhão, mas não adquirem aquela convicção religiosa que só se imprime nos corações pela prática da própria família.

Se não houver um fato novo que altere esse rumo, em duas ou três gerações o Catolicismo Romano será no Brasil coisa do passado. Com

A Igreja precisa de uma sacudida forte para sair dessa letargia mortal e recuperar o diálogo com o mundo.

seus sacramentos, festas e tradições, sua defesa da moral e dos valores perenes, guardará sempre um lugar especial na cultura brasileira, como Ouro Preto e o Pelourinho; mas não terá repercussão na vida dos milhões de homens e mulheres que nortearão sua conduta sem referir-se a ele.

Se não queremos uma Igreja Católica tendo apenas uma função estética, precisamos barrar esse processo de perda de sua vitalidade. Não dá mais para esperar uma abertura romana. A Igreja Católica precisa hoje de uma sacudida, e forte. Precisa sair dessa letargia mortal e recuperar o diálogo com o mundo, como aconteceu nos anos 70/80 quando assumiu a defesa dos Direitos Humanos como Direito dos Pobres.

Hoje só os bispos seriam capazes de provocar uma mudança de rumos para a Igreja em Nossa América, opondo-se ao centralismo romano. Mas isto não parece estar em

- Também percebemos sinais de perda de vitalidade da Igreja, na nossa cidade? Exemplos.
- O aparecimento de "seitas" tem sido considerado um problema para a Igreja Católica? Em que sentido? Problema ou desafio para uma revisão?
- A revitalização da Igreja depende dos leigos ou somente da hierarquia? Ela é necessária? O que deve ser feito?

"A voz do povo é o tambor de Deus". (Provérbio Pendjabi).

sua agenda. O máximo que conseguem fazer hoje é dar apoio à criação de espaços eclesiais alternativos. Sem enfrentar diretamente o poder romano, bispos e padres podem reforçar alternativas eclesiais que surgem dentro da própria instituição e que, sem desligar-se dela, encontram um lugar para levar a Boa-Notícia do Reino à sociedade brasileira.

Parafraseando A. Boal, "O gosto do Evangelho torna o leigo perigoso". A Bíblia abriu para nós perspectivas que o catecismo havia escondido. O Evangelho já não passa mais unicamente pelos canais oficiais, mas vem pelos mais diferentes meios: comunidades, grupos, pastorais, movimentos e redes informais que não pedem licença às autoridades eclesiásticas para existir e agir dentro da grande Igreja. Essa gente está mais interessada na vida espiritual do que na vida eclesiástica. Sua Teologia é cada vez mais bíblica, ecumênica e agora ecológica. Não renega o catolicismo romano de onde foi gerada, mas já cortou seu cordão umbilical e caminha em direção a uma nova forma de presença cristã na sociedade brasileira, sinal eficaz da Boa Notícia de Jesus. Resta esperar que nossos pastores saibam discernir nesta realidade as sementes do futuro e nos confirmem nessa caminhada.

Candelária: duas sextas-feiras

23 de Junho

Sexta-feira. Cruzo distraído a Candelária, a uma quadra de minha mesa de trabalho. Ainda não sabia que pisava o cenário do crime hediondo daquela madrugada. Percebo um movimento diferente, grupos em torno da banca de jornaleiro, também junto do chafariz da praça. E onde está a garotada? Há duas ou três semanas eles estão acampando por ali, uns vinte ou trinta. Sumiram.

Então vejo um cobertor manchado de sangue. Desconfio e pergunto. Apontam-me algo coberto com plásticos e me informam que "dois ainda estão ali". E outro perto do chafariz em frente a Igreja. Agora já sei quase tudo. Foram cinco. Dois estão vivos e foram levados para o hospital. "Foi a polícia", dizem.

Os que escaparam da chacina

Os fatos aqui relatados aconteceram em 1993, na Praça da Igreja da Candelária, no centro do Rio de Janeiro.

Sextas-feiras

a matança

fugiram, deixando seus trapos e cobertores. O cenário é chocante e dispara a imaginação, na ânsia de adivinhar a tragédia. Certamente gritaria, tiros e correrias desesperadas. Não dá para manter os olhos secos. Tenho a impressão de que já os conhecia. Estavam sempre lá, no meu caminho de trabalho. Sinto um misto de culpa e vergonha. Em nenhum momento movi uma palha para que coisas assim não acontecessem.

Mais tarde fico sabendo que foram sete as vítimas da chacina. Os dois feridos morreram e mais dois sequestrados foram assassinados nos carros dos bandidos e seus corpos deixados no gramado do Museu do Aterro. Ainda há mais dois feridos.

Não faltam testemunhas, mas o medo é maior que a memória. Porque viram, estão marcados para morrer. Ninguém lhes dará proteção por muito tempo. Afinal, são apenas meninos de rua, que cheiram cola e assaltam turistas visi-

De madrugada um grupo de extermínio, formado por policiais da PM, assassinou oito dos trinta meninos que acampavam na praça e sob as marquises em torno da Igreja da Candelária. Nos dias que se seguiram, o povo se manteve em vigília, em protestos e celebrações, até a identificação e prisão dos matadores.

WIKI 3 WIKI

tantes da Candelária. Prejudicam o comércio local. São feios e sujos. Põem em risco a vocação turística do Rio.

Mas o crime revolta. A opinião pública está indignada e quer a pronta identificação dos monstros, quatro ou cinco, que chegaram em dois carros, de madrugada. Pede-se a pena de morte. Quase ninguém mais duvida: foram policiais.

A minha aflição, entretanto, é suspeitar que tudo se reduza ao crime hediondo de quatro ou cinco culpados, e todos se esqueçam da culpa maior e difusa de milhões de culpados, pelo crime continuado da



exclusão social dos outros milhões de meninos que sobrevivem a esta e outras chacinas – passadas e futuras – condenados a uma vida pouco diferente da morte.

Se um cristão não se sente responsável pela mudança desse quadro de desumanização, e se limita a esporádicas manifestações de revolta diante de episódios sangrentos, estará ainda muito distante da compreensão adulta da essência da mensagem evangélica, que o convida a assumir a tarefa da edificação do Reino de Deus, desde aqui e agora, nos tropeços da história.

17 de Dezembro: o abraço

O povo do Rio se vestiu de branco e saiu às ruas para expressar, pelo silêncio a retomada da esperança abalada. Nos dois minutos de emocionante silêncio, muitos gestos simbólicos se multiplicaram, por toda a cidade. Dentre os atos anunciados, escolhemos e participamos do grande abraço com que milhares de pessoas envolveram a Igreja da Candelária, cenário da brutal chacina ainda recente.

A grande motivação para essa mobilização enorme e silenciosa era o convite à reflexão sobre o papel e a responsabilidade que toca a cada cidadão num processo de mudança que todos desejam. Tratava-se de refletir, por um instante, que esse não é o modelo de sociedade que queremos, mas que as mudanças não cairão do céu, como presente de Natal. As mudanças vão depender de todos e de cada um.

Acontecimentos políticos recentíssimos aqueceram essa busca de novas esperanças: dois dias antes, as três primeiras cassações de deputados-de-programa, sinalizando para o que devem esperar os anões do orçamento; na véspera, os juízes consertaram o vacilo anterior dos colegas, depurando a vida política deste país de uma presença indesejável, até o fim do milênio.

Eram os sinais de esperança

providenciais para animar a grande liturgia leiga dessa sexta-feira.

Também as notícias dessa imensa bola de neve em que vai se transformando a Campanha da Fome, atropelando o ceticismo dos que torcem o nariz diante de quem dá o peixe a quem está com fome – como se fossem os únicos que conhecem o velho discurso do anzol. Aí está outro sinal de esperança. Na partida, talvez só o Betinho e D. Mauro acreditassesem no que é hoje uma impressionante realidade. E aos céticos, já se podem exibir os desdobramentos da etapa assistencial: programas de emprego (os Correios vão雇用 20 mil meninos, em São Paulo, por exemplo) e inúmeros projetos de promoção humana vão surgindo; e o despertar de interesse e vocação política de muitos jovens, que finalmente descobrem ser a via para a solução efetiva do problema da fome e da miséria reveladas pela Campanha.

É claro que não nos iludimos. Vícios arraigados não se curam da noite para o dia. No caso dos meninos das ruas cariocas, por exemplo: continuam nas ruas e ameaçados de novas matanças. O imenso complexo de Quintino, um impressionante conjunto de alojamentos, escolas, oficinas para aprendizagem de ofícios profissionais, áreas de esportes, lazer, com piscinas, acreditem: existe! Mas continua

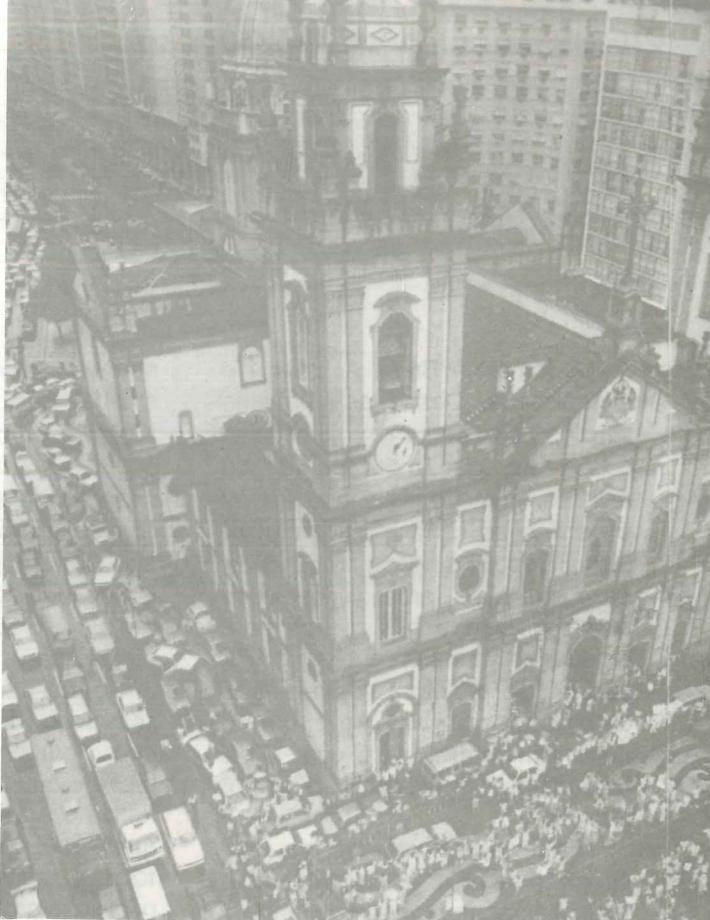
Dois minutos antes do meio-dia, todos os guardas soaram seus apitos parando o trânsito em toda a cidade. O Rio, absolutamente silencioso, refletia, por dois longos minutos, sobre a esperança e a paz, enquanto envolvia a Candelária num imenso abraço.

vazio, por questões burocráticas não resolvidas e, principalmente, por rivalidade entre autoridades federais e estaduais... Esse foi um dos muitos fatos denunciados nessa sexta-feira de reflexão e silêncio, neste Rio de Janeiro, da Candelária a Vigário Geral.

Mas tudo isto, da denúncia ao

- Que sinais de esperança de um país mais justo e solidário percebemos em torno de nós? Exemplos.
- Que estamos dispostos a fazer para multiplicar esses sinais de esperança? E para recuperar a esperança de quem a perdeu?
- Quais os problemas mais urgentes da nossa cidade, que podemos ajudar a resolver? Temos algum plano de ação? Podemos ter um?

Evandro Telxeira — 17/12/93



protesto, embebido de esperança renovada.

Porque existem razões e sinais de esperança. No vocabulário cristão, diremos que são sinais do Reino, já presente na história humana, reclamando de cada um a parte que lhe cabe na tarefa de edificá-lo.

Brasil, engenho de gastar gentes

Darcy Ribeiro
Antropólogo, escritor

A fome no Brasil é crônica e antiqüíssima. Desde os primeiros séculos se tomam providências contra ela, que mata gente aos milhões. Primeiro, se obrigavam os engenhos de cana a plantar mandioca. Depois, se proibia criar gado na costa. Mais tarde, se deixou o domingo livre aos escravos para produzirem sua própria comida. Há séculos, se proibiu a vila de Parati de produzir polvilho para que a farinha alimentasse. Até hoje lá se produz uma farinha gorda, a melhor que há.

Entre tantas providências, nunca se tomou a única que podia funcionar: seria limitar o poderio total do mercado. Produzindo não o que come e consome, mas o que o mercado mundial exige, o Brasil, de ontem e de hoje, faz prodígios na produção de açúcar, de café e de soja, mas mata seu povo de fome.

Este descalabro agravou-se terrivelmente nas últimas décadas. A fome, que era crônica, converteu-se em fome canina, de multidões ganindo por um prato de comida. As consequências foram a deterioração das famílias, a violência desenfreada, a prostituição de meninas, a matança de menores abandonados. Neste país que não tem

nenhum cabrito abandonado, nenhum bezerro e nem mesmo um frango, porque todos têm donos que deles cuidam, são milhões de crianças ao abandono, disputando comida no lixo, brigando com feirantes para comer uma banana, guerreando com as polícias oficiais e clandestinas que os assassinam em massa.

Atrás de tudo isso está o desemprego generalizado, como a causa primeira da onda de perversão em que vão se afundando a infância e a juventude brasileira das áreas metropolitanas e, com elas, toda a nação. Desemprego que não nos vem por acaso, mas como fruto da política econômica da ditadura militar, que só se ocupou, por duas décadas, de enriquecer os ricos, prometendo dividir depois o bolo dos lucros. É como se alguém pudesse comer amanhã o feijão que não comeu hoje. O que resultou dessa política foi o desemprego generalizado, a fome sua consequência maior: tornar o povo brasileiro descartável como massa de mão-de-obra excedente das necessidades das empresas.

O Brasil, que sempre viveu faltando de mão-de-obra, tem agora excedentes gigantescos. Nos cinco séculos de luta para nos edificar-

Nando Neves / Imagens da Terra



Já é comum e não causa emoção, nas nossas cidades, o ataque noturno às caixas de lixo dos restaurantes, pelos que vivem nas ruas, desempregados e miseráveis.

mos, gastaram-se no Brasil cerca de cinco milhões de índios nativos e mais dez milhões de negros e outros tantos de brancos importados da África e da Europa. Hoje poderíamos exportar dezenas de milhões de brasileiros, se alguém quisesse importá-los. Nossa situação é semelhante à da Europa na passagem do século, quando exportou sessenta milhões de excedentes. Como não há lugar para tantos brasileiros na economia mundial, a única saída é o genocídio. Matá-los de fome para reduzir

seu montante e esterilizar as mulheres pobres, para que não produzam mais tanta gente dispensável.

A outra solução, desde sempre óbvia, é a reorganização do Brasil em benefício do seu próprio povo, a fim de garantir um emprego a cada pessoa, a fartura em cada mesa. Solução esta perfeitamente factível, com base em nossas imensas reservas e potencialidades. Só não é realizável enquanto a velha classe dominante de esforçadores estiver regendo este nosso triste engenho de gastar gentes.

- Quais as causas dessa triste realidade dos "meninos de rua"?
- Quais seriam as soluções possíveis?

Questionando...

José e Beatriz Resende Reis

Ex-Presidentes Latino-Americanos do MFC

Ano Internacional da Família. Isso soa, a nossos ouvidos, como um desafio, a começar pela colocação inicial: **da Família** – como se família fosse um conceito abstrato, filosófico ou religioso, e não um ou vários estilos de vivência concreta, dinâmica, sujeita a vários tipos de reação diante de desafios que sempre se apresentam. Talvez nos sentíssemos mais tranqüilos se os organizadores do evento propusessem a realização de um Ano Internacional das Famílias, ou para as Famílias.

Como está proposto, nos perguntamos: Ano Internacional de que tipo de família? Daquelas que constituem as elites de sua sociedade ou de suas Igrejas? Daquelas que seguem à risca os princípios fundamentais que as norteiam?

Mesmo dirigindo-se apenas a essas elites, os organizadores não podem falar em “família”, como se todas elas, vivendo realidades e desafios diferentes no plano internacional, pudessem ser reduzidas a uma categoria única.

O que vemos, pelo contrário, é a existência de vários tipos ou estilos de família, cada um deles perseguindo seus próprios objetivos – va-

riados como são os desafios que se lhe apresentam.

Sendo assim, para atingir as famílias concretas e reais, termos que considerar “família” qualquer grupo humano, formado por um homem e uma mulher, gerando e educando filhos e inserindo-se de acordo com suas possibilidades e limitações, dentro do contexto de sua sociedade global. Ou então, o que se programa pode ser tudo, menos um ano **internacional** da família.

Fechando um pouco o leque, considerando apenas as famílias, vamos encontrar a mesma dificuldade. Trata-se de um único país com realidades sociais diversas gerando, para as famílias que o compõem, ao mesmo tempo, desafios diversos e muitas vezes divergentes.

Temos, por exemplo, as famílias do nordeste, amargando sua miséria, procurando fazer face às necessidades de subsistência unidas, muitas vezes de modo consensual e episódico porque, pouco ou nada recebendo da sociedade, nada lhes parece dever – ao lado de famílias bem situadas financeiramente e em grande parte, unidas também consensualmente, frutos de casamentos

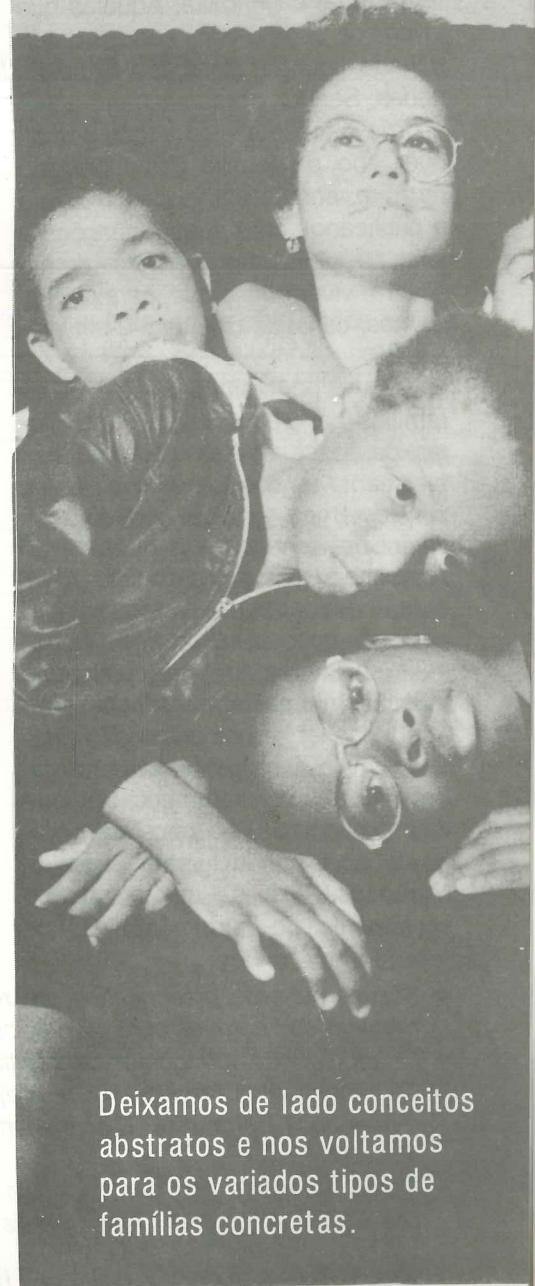
destruídos e reconstruídos, sem nenhum vínculo legal ou religioso. Mas famílias, mesmo assim, pois nelas um homem e uma mulher se unem e se colocam dentro de um contexto social, gerando e educando (ou deseducando) filhos que construirão o futuro.

Temos famílias regidas por uma mãe permanente, com filhos de vários pais, fruto principalmente do êxodo rural, quando saem os homens em busca de trabalho e deixam em casa, em tempo de espera, suas mulheres. Esses homens vão fazendo filhos à medida que seguem seu caminho de ida e volta e vão aumentando o número de famílias regidas e sustentadas pelas mães.

Existem ainda famílias sustentadas e mantidas apenas por um dos cônjuges, fruto de separações, hoje tão comuns, ou famílias dirigidas por tutores ou parentes afins, bem como famílias regidas por viúvas(os).

Existem as que se formam apenas de acordo com as leis civis, sem levar em consideração as leis religiosas e vice-versa.

Coexistindo com todos esses tipos de família existem hoje – talvez em pequeno número e como consequência de um compromisso assumido de modo consciente – famílias formadas de acordo com as leis civis e religiosas e que se mantêm coesas, apesar das crises e dificuldades que todos enfrentamos. Mas mesmo essas famílias têm, na maior parte das vezes, grandes e profundos problemas pois, embora os pais se mantenham fiéis ao ideal que lhes deu origem, os filhos e filhas adotaram ideais e caminhos diferentes, coexis-



Deixamos de lado conceitos abstratos e nos voltamos para os variados tipos de famílias concretas.

tindo e convivendo com os pais num verdadeiro relacionamento de amor.

Então nos perguntamos: a que tipo de famílias se dirige o Ano Internacional da Família. Aquelas que vivem de acordo com certo e determinado figurino, ("graças vos sejam dadas, Senhor, porque cumpro a lei!" – dizia o fariseu) – ou a todo e qualquer tipo de família ("tem piedade de mim, porque sou pecador!", dizia o publicano), com suas limitações e suas possibilidades concretas de assumir e viver aquilo que, para muitos de nós, constitui um ideal a ser proposto?

Como poderemos propor que as famílias concretas sejam construtoras de paz e de harmonia, se simplesmente as desconhecemos ou as consideramos grupos pseudo-familiares de segunda categoria? Não seria mais leal e mais sábio vivermos a unidade na diversidade? E perceber que os vários tipos de família se interpelam, se questionam, e desafiam e assim, contribuem para que todos tenhamos uma visão mais larga, mais abrangente, mais verdadeira e mais concretamente humana da realidade que nos cerca?

E aqui nos dirigimos especialmente às famílias cristãs, fruto do sacramento do matrimônio. E nos

Vários tipos de família se questionam, alargando e humanizando a nossa visão.

perguntamos: que significa, para nós, esse sacramento?

Uma festa com coreografia própria, em que todos se desejam felicidade para sempre? Ou ser, concretamente, em cada situação ou frente a qualquer desafio, um sinal claro, visível, do amor de Deus por seu povo – amor libertador e salvador, amor que coloca cada um a serviço de todos, sem camuflar as situações que se nos apresentam como desafio e exigência de ação consequente? É verdade que esta postura sacramental exige uma vigilância constante, uma coragem inevitável e uma continua disponibilidade para, em cada minuto, manifestar claramente esse amor de Deus entregue, sem defesa, em nossas mãos.

Perdoem-nos se lhes tiramos, um pouco, o sossego.

A Boa Nova do Evangelho questiona, desinstala, mas faz brotar a semente que parecia permanecer em período de dormência, apesar de plantada em terra boa e fértil.

- São comuns os preconceitos em relação às famílias que se formam à margem das normas civis ou religiosas? Por que?
- Quais os tipos ou modelos de família mais comuns na nossa cidade?
- Os movimentos familiares e a Igreja fazem alguma distinção entre diferentes tipos de família? Discriminam em função do vínculo jurídico ou religioso?
- Como atender à abertura da Igreja às famílias incompletas e às chamadas uniões irregulares? Ainda persistem dificuldades e preconceitos?

"Marido e mulher: a lei e o governo..." (Provérbio etíope).

Alternativa para o Brasil

Cristovam Buarque
Escritor, professor da UnB

Estamos vivendo uma "encruzilhada" decisiva neste país, parecida com a que aconteceu em 64. Tínhamos dois caminhos para construir o futuro, isto é, a chamada "modernidade". O caminho escolhido nos trouxe todas as consequências que vivemos hoje. Essa "encruzilhada", atualmente, é extremamente visível, o que constitui uma diferença com relação a 64. Nós a vimos em outubro/92, na televisão. O "arrastão" de Ipanema é a "encruzilhada brasileira entre dois 'arrastões' ". Um "arrastão" momentâneo em que os pobres e jovens foram roubar os ricos. E o "arrastão secular", invisível, onde há pelo menos sessenta anos, os ricos roubam os pobres, não invadindo as praias porque os pobres não estão lá, mas através de uma política salarial que aumentou muito mais os salários das classes altas do que os salários mínimos. Através de uma política econômica que levou a uma concentração de mais recursos sob a forma de lucros do que sob a forma de salários; subsídios para construção de habitações para as classes médias e altas, em vez de usar os recursos para as classes baixas.

O arrastão visível acontece, antes de tudo, pela abertura democrática, pois, antes dela, todos seriam fuzilados. Hoje, quando se fuzila, como no caso do Carandiru, há um processo democrático, uma imprensa, um parlamento, que reage. Outro fator que provocou esse arrastão visível é que as massas excluídas, ou perderam a esperança, ou descobriram que não tinham esperança. Até há pouco tempo, nós acreditávamos que a "modernidade", implantada desde os anos 30, abrangeeria a todos, levando o Brasil para o Primeiro-mundo. As massas não têm mais a esperança no processo tradicional de resolver a miséria que é investir, criar empregos, gerar renda e com esta renda comprar-se bens de serviço.

As alternativas

Hoje temos duas alternativas. Uma delas é continuar a mesma "modernidade", aplicando explicitamente um sistema de "apartheid". Inclusive já vemos essa proposta sendo colocada em prática, com a construção de cercas em praias, edifícios e condomínios.



O homem que cata restos de comida no lixo dos restaurantes é uma das marcas perversas das economias de modelo neo-liberal, até mesmo em países ricos.

Deixam-se algumas praias para os pobres, como a África do Sul deixou algumas para os negros. Na África do Sul havia a facilidade de se explicar o "apartheid" com a justificativa da cor. Uma facilidade tática. Aqui é mais complicado.

Seguir o caminho do apartheid pode nos levar a um custo altíssimo como estamos assistindo hoje na África do Sul com a tentativa de incorporar as populações brancas e negras.

Esse apartheid só não acontecerá se a gente for capaz de se antecipar e formular propostas que permitam duas coisas: atender de fato as necessidades da grande massa a ponto de que as minorias não precisam fazer o apartheid; e segundo, se a eliminação da miséria puder ser feita sem um custo tão alto que as minorias não a impeçam, ou melhor, se a perda dos níveis de consumo das classes médias e altas for menor do que o bem estar que ela vai ter.

Quando pudermos dispor de videocassetes em todas as escolas não vai haver videocassetes para a classe média. Quando quisermos resolver o problema da fome, não

teremos mais churrascarias rodízio. É por aí que passa o ponto chave da modernidade.

Passa pela lógica do processo de modernização. Nós temos uma modernização técnica, ou seja, uma modernização que põe como símbolo de futuro o acesso às tecnologias de ponta existentes no mundo. Essas tecnologias servem ao consumo, servem a quem consome transporte – através de automóveis; educação – através das escolas privadas; saúde – através dos transplantes, das cirurgias plásticas, do implante de dentes, etc. Mas, não serve à habitação, saúde, educação e transporte para as massas.

O Brasil experimentou o avanço técnico como símbolo da modernidade e fracassou. As realizações técnicas desse século e as realizações de enriquecimento, surpreendem tudo aquilo que se imaginou no começo do século.

Ninguém imaginava que as técnicas seriam capazes de fazer os "milagres" que fazem. Ninguém imaginou que a riqueza seria tão grande, ou seja, que a quantidade de bens produzidos pelo trabalho crescesse tanto quanto cresceu e como está disponível no mundo. Esse é o primeiro "susto" – o "susto" do êxito. Mas há outro "susto": ninguém imaginava que ao final deste século estariam tão longe da "utopia"; todos imaginavam que teriam o "paraíso" graças à técnica e à economia, que ao avançar nesses setores a desigualdade diminuiria. E a desigualdade aumentou em níveis nunca antes descritos em toda a história.

Tirando o período dos Faraós que eram afinal "filhos de deus", nunca tivemos uma distância tão grande entre os benefícios e os privilégios das classes médias e altas e o "povão". Hoje, a diferença no sistema de saúde, entre a classe média e o povo é maior do que a diferença entre os sistemas de saúde a que tinham acesso os reis franceses e o camponês, em sua época. O povo hoje está melhor do que o camponês de trezentos anos atrás. Mas tudo melhorou imensamente mais para os privilegiados. O médico do rei sabia tanto quanto o médico do povo. O esquema de transporte do povo era quase igual ao transporte do rei. O rei andava de carruagem enquanto o povo ia a pé. Melhorou, talvez razoavelmente, para o povo, mas melhorou imensamente mais para as camadas ricas que viajam de avião. Desta forma, tivemos o segundo "susto". Esses dois "sustos", podem nos despertar para um "choque" e então poderemos entender onde erramos.

Técnica e ética

Erramos na medida em que não subordinamos o avanço técnico e a produção de riqueza à propósitos éticos. Para fazer a modernidade subordinada à técnica, inventamos uma economia que justificasse as técnicas e não o contrário. Essa economia abandonou os objetivos sociais porque eles eram vistos como consequência da economia. A velha frase: "Façamos o bolo e ele se distribuirá", é um

Primeiro resolver a miséria, como valor ético; depois definir os objetivos sociais; terceiro, sim, organizar a economia.

equívoco. Automóvel não se distribui porque é um bem caro. Onde existe população pobre só se vende carro se concentrar a renda. Nós esquecemos isso. Avião não se distribui porque é um bem caro, portanto, só poucos vão ter acesso. E, para que tenham acesso, concentra-se a renda. Foram necessários alguns cínicos para fazer a economia crescer. Os éticos não conseguiram. Os éticos não podiam propor o crescimento da economia, porque eles deviam propor a melhoria da sociedade.

Estamos presos a um interesse pelo consumo. Quando os trabalhadores do ABC decidem reduzir um imposto sobre o automóvel, eles mostram que não conseguiram se livrar da lógica do emprego através do mercado, que vende carros para os ricos. E também eles, já são compradores de carros. Fomos capturados pela lógica e pelos interesses do sistema predominante. Ainda não conseguimos nos rebelar e propor um sistema de transportes coletivos eficiente para todos, pois estamos presos à necessidade de ter um carro.

Não conseguimos propor alternativas porque somos parte do sistema. Aqui, não temos os "Mandellas" porque não temos a cor, no sentido social, das massas excluídas. O interesse de Mandella é óbvio: é o interesse de todos os ne-

gros da África do Sul. Os nossos interesses não são iguais aos interesses das grandes massas. Temos é desejo de que eles também melhorem.

E vejam como isso funciona: uma grande parte das esquerdas continua insistindo que o problema do Brasil é salário. Com a massa total de dinheiro que o Brasil produz, (extraído já o mínimo necessário para investimentos) distribuída pelos 70 milhões de brasileiros em idade de trabalhar, teríamos duzentos e trinta dólares por mês para cada um. Com duzentos e trinta dólares por mês resolvemos o problema da pobreza e da miséria? Sem falar que isso geraria um desequilíbrio radical na economia, estruturada para pessoas que ganham mais de mil ou mil e quinhentos dólares por mês, e que podem comprar as coisas que o setor de ponta da economia fabrica. No entanto, continuamos insistindo que o problema é salário. Salário é o nosso problema, e não o problema das grandes massas.

A falsa saída

Continuamos achando que a saída é o crescimento econômico. Para empregar a parcela de trabalhadores, dos sessenta milhões de miseráveis e para gerar uma renda de dois mil dólares por ano será necessário um investimento de quatrocentos bilhões de dólares. Esse dinheiro não existe. A Rússia está lutando para conseguir doze bilhões, em dez anos. A Alemanha pega dinheiro fora para resolver

Perdemos o gosto de sermos rebeldes e ficamos reivindicativos.

seus problemas.

A safda é mudarmos a "lógica". Primeiro, resolver a miséria sabendo que esse não é um compromisso de programa econômico, é um valor ético. Segundo, definir quais são os objetivos sociais e o que se precisa para isso. Terceiro, sim: organizar a economia.

Nesse ponto, a economia não vai precisar mais de quatrocentos bilhões de dólares porque o tipo de ocupação que vai gerar emprego é outra. Finalmente, discutindo quais as técnicas a serem usadas. A necessidade de 400 bilhões de dólares para resolver a questão econômica aparece em função do poder técnico atual. Mas, porque teríamos que usar esse padrão técnico atual?

Porque motivo somos obrigados a usar elevadores automáticos em vez do elevador mais simples e barato que oferece mais oportunidade de dar ocupação? Na realidade, estamos lidando com dois conceitos diferentes: um é técnico e outro é ético.

Os valores éticos

Quais seriam os valores éticos que a sociedade brasileira seria capaz de incorporar de uma forma hegemônica? Uma proposta, fruto de uma discussão ampla, capaz de penetrar a cabeça das pessoas da

mesma maneira que o desenvolvimento nos atraiu?

O primeiro valor ético necessário é a igualdade absoluta do acesso aos bens básicos. O acesso aos bens supérfluos é um problema de mercado. Não faz mal que alguns tenham carro, mas primeiro deve haver transporte coletivo de boa qualidade para todos...

O segundo ponto é a abolição do "apartheid social". Exige apena: um programa de alimentação; todas as crianças na escola; transporte urbano; limpeza em um pequeno pedaço de terra, nas cidades. O que torna indigna a vida nos grandes centros não é o tamanho da casa. É a falta de saneamento e a falta de título de propriedade que permitem que a pessoa seja excluída, expulsa sem nenhum direito.

O terceiro valor é o do equilíbrio ecológico. Não há sentido em ter a solução dos problemas de base, só para essa geração. Nós temos que ter uma perspectiva de longo prazo.

O quarto valor ético, seria uma economia com uma razoável eficiência. Com um sistema democrático resolvendo os problemas de base e respeitando a ecologia, seremos capazes de produzir, com um mínimo de competência, os bens supérfluos que todos desejam.

O quinto valor ético é a relação internacional com abertura cultural. Não confundir com o discurso neo-clássico. O discurso neo-clássico é: "vamos abrir o país que resolvemos a pobreza". Esse é um discurso estúpido porque o capital internacio-

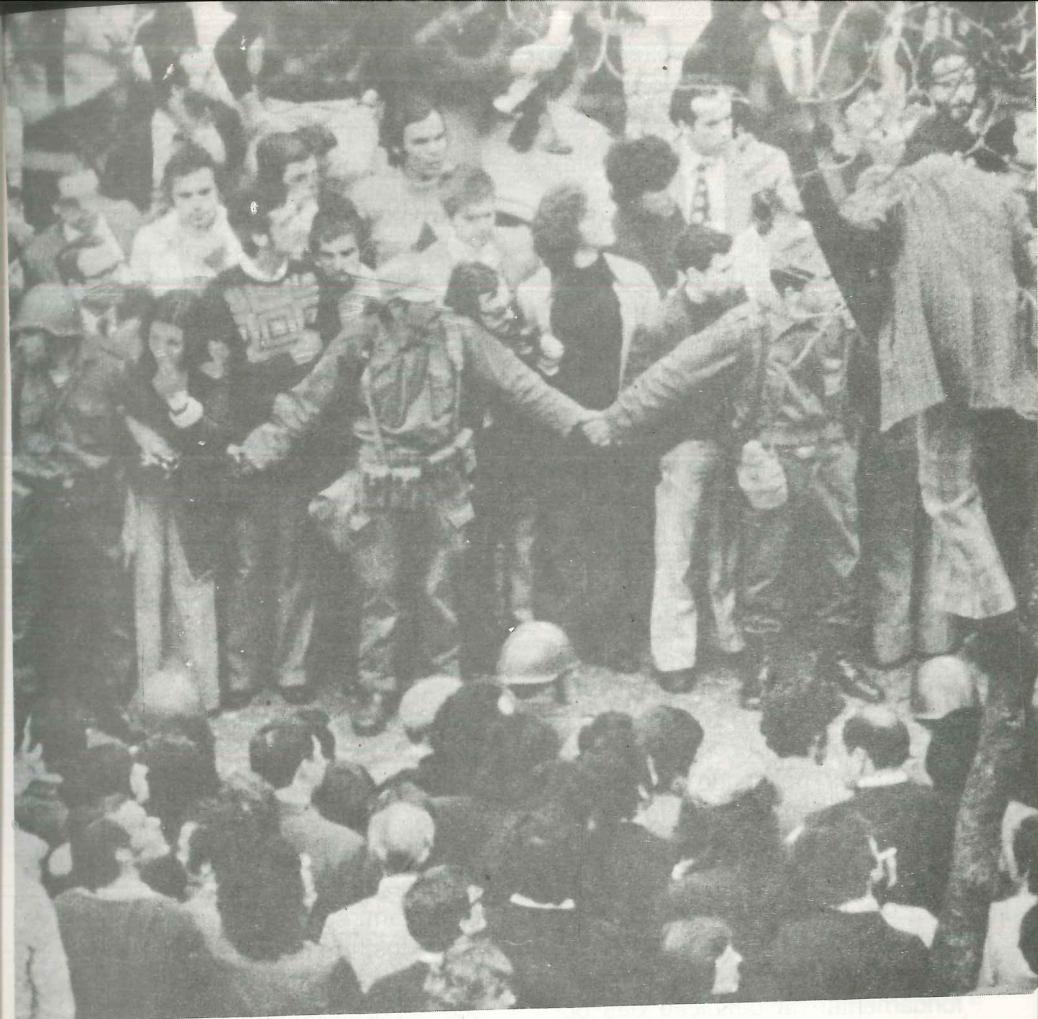
Foram necessários alguns cínicos para fazer a economia crescer. Os éticos não conseguiram, porque deviam propor a melhoria da sociedade.

nal não investe na cólera; não investe na alfabetização; não está disponível para as dimensões do Brasil. As relações internacionais não são um meio para melhorarmos o Brasil mas, são um fim ao qual desejamos chegar. Queremos abertura para as relações internacionais, como um propósito e não como um meio, e ainda um propósito subordinado aos outros.

Objetivos sociais

E quais são os objetivos sociais? Vejamos a educação. Vale a pena nos concentrarmos em educação. Na realidade, nesse país, não se exigiria um sacrifício muito grande das classes altas e média para poder resolver o problema da educação. Inclusive, um possível aumento de impostos que, ao meu ver, seria compensado pelo benefício das classes médias em ter uma escola boa e de qualidade para os seus filhos.

Até que o Collor prestou um enorme serviço com sua incompetência. Ele degradou tanto o nível salarial da classe média que agora elas precisam de soluções públicas. A classe média não tem mais condições de imaginar que sozinha, possa resolver seus proble-



Não teria acontecido um "impeachment" e uma revolução ética, sem manifestações de rebeldia popular, "caras-pintadas" e povo nas ruas.

mas. Não dá mais para pagar os hospitais só com salários. Os custos da saúde "estouraram". Quem quiser ter um mínimo de segurança tem que investir no sistema público de saúde.

Não dá para resolver o problema de alimentação tolerando o latifúndio improdutivo. Há que tocar na propriedade da terra, resolver o

problema dos "sem-terra". Mesmo que não seja porque esse é um problema para eles... mas sim porque são eles que vão aumentar a produção. Não dá, também, para resolver o problema da alimentação permitindo que as empresas agrícolas exportadoras não privilegiam a demanda interna. Jamais, através do salário/preço conseguiremos que as empresas exportado-

ras de alimentos se voltem para dentro. A renda aqui é dois mil dólares para alguns, enquanto lá é dezoito mil... sempre vai haver mais dinheiro para comprar soja para alimentar os cachorros, gatos e vacas europeias do que as crianças brasileiras. Por isso, a produção deve ser orientada.

Formular um projeto

Nada impede a formulação de um projeto. A dificuldade para isso hoje é a crise política e a crise de credibilidade das nossas lideranças. O que está impedindo esta confiabilidade é a falta de desejo e de ousadia das lideranças políticas em propor projetos com um mínimo grau de "utopia". Perdemos a capacidade de pensar "utopicamente" e estamos pensando economicamente. Perdemos o gosto de sermos rebeldes e ficamos reivindicativos.

Pois bem, qual seria o papel das ONGs na construção desse projeto? As ONGs terão um papel fundamental na definição das opções técnicas. Por que? Porque temos outros dois atores básicos hoje: os partidos políticos e os sindicatos. As OGNs são menos prisioneiros do sistema tradicional, da modernidade técnica, do que os partidos e os sindicatos. Os sindicatos têm que resolver problemas imediatos, então não podem pensar utopia. As ONGs podem começar a pensar com um mínimo de ousadia utópica.

Mais importante que as soluções técnicas, é a militância, na

Quando quisermos resolver o problema da fome, não teremos mais churrascarias rodízio.

sociedade brasileira, em prol dessa nova visão. As OGNs que levaram, num primeiro momento, o discurso da ética na política. Caberia às ONGs agora saltar para o discurso da ética nas prioridades da política. Precisamos de uma ética que impeça o "arrastão secular" de uma militância explícita e radical na definição de novas prioridades.

E aí, qual é a proposta concreta que eu quero fazer para vocês? É criar o "Movimento Brasileiro por uma Modernidade Ética". Criarmos um movimento que modernize a "modernidade".

Vale a pena escrever uma carta aos presidentes dos partidos e ao Presidente da República dizendo o seguinte: os senhores se encontraram, superaram os seus preconceitos, riram juntos, para derrubar um presidente. Será que vocês são capazes de sentar e rir juntos para definir o compromisso de pôr as crianças na escola? Será que vocês consideram suficiente colocar os corruptos na cadeia? Além disso, vocês deveriam cobrar deles um compromisso.

O fato que me incomoda, quando debato essas idéias é quando dizem: "Isto é assistencialismo". Assistencialismo, para quem está morrendo de fome? Não, não é assistencialismo. É salvar do naufrágio... Um dia desses, quando eu disse que para colocar

um milhão de crianças na escola, precisava-se pagar um salário para os pais das crianças mais pobres, uma pessoa veio me dizer que era assistencialismo. Eu perguntei se ele tinha tirado o PHD dele na Inglaterra. Ele tinha. E não foi assistencialismo a bolsa de estudos que você recebeu durante cinco anos? E ele me disse que não porque havia produzido uma tese. Eu então disse: por que a sua tese é mais importante que cinco milhões de redações de meninos no primário?

Uma proposta

Esta é a proposta: organizar um Movimento. Vocês têm legitimidade para isso e têm a liberdade lógica para isso. Vocês não estão prisioneiros como a maioria que está nos partidos se encontra.

Não imaginem que no próximo ano; nos próximos dez anos; vinte anos; já vão ter uma "modernidade ética"... É bem possível que antes, passemos pela continuação da "modernidade técnica" através do "apartheid". Se vocês querem entrar num movimento desses, não entrem pensando que um dia vai

- Qual pode ser o papel dos movimentos na recuperação de princípios éticos na vida do nosso país – e na cidade em que vivemos?
- Que tipo de modernização queremos?
- Que modelo de sociedade corresponde ao ideal evangélico, que Jesus chama de Reino de Deus?
- Como podemos contribuir para que o Reino se faça presente aqui "na terra como no céu"? Quais são os sinais que o anunciam?

"O homem: clarividente não é o que enxerga a montanha mas o que percebe o que há por detrás dela". (Provérbio Russo).

Não dá para resolver o problema da alimentação tolerando o latifúndio improutivo.

ser decretado o fim da miséria, assim como houve um dia em que votamos o "impeachment". Não entrem pelo resultado. Ou vocês entram pela grande aventura de participar desse processo mesmo que não tenham êxito, ou vocês não devem entrar porque ele vai ser muito longo e demorado. Para ser otimista sem ser "doido" – a diferença é o tempo. A diferença entre o idiota e o otimista é que o idiota marca prazo – seis meses, seis anos, sessenta anos – o otimista não marca. E eu não estou aqui achando que vou ter êxito nessa "cruzada". Eu estou aqui pela aventura de participar com vocês dessa busca.

O MFC é reconhecido como uma ONG – Organização Não Governamental, pelo Conselho Econômico e Social, das Nações Unidas, desde 1989.

Instituição que vem de longe...

Itamar Bonfatti

Ex-Presidente Nacional do MFC

Até o séc. III não havia na Igreja cerimônia que pudesse ser chamada de “casamento religioso”. Antes, tempo de clandestinidade e perseguição as famílias preferiam cerimônia bem íntima e bem familiar. Na ocasião invocava-se bênção de Deus sobre os noivos e orações eram feitas por membros da família ou por algum sacerdote presente. Tudo muito científico, nada oficial. Aquela tradição teve início quando líderes religiosos começaram a se preocupar com jovens cristãos – sem tutores ou sem pais – que iniciavam os seus primeiros contatos com costumes pagãos da época.

O rito nupcial teria surgido no final do séc. IV na Igreja Grega onde o Bispo assumindo papel que deveria ser do pai, coroava os noivos transformando a cerimônia até então essencialmente familiar em ato eclesiástico e público. Com o tempo, além da Comunidade se reunir em nome de Jesus para testemunhar e apoiar a opção dos noivos passou a aceitar também estrutura hierarquizada que a cerimônia ia adquirindo. Sabe-se que em alguns lugares, ainda no séc. IV era costume a bênção aos noivos dentro do quarto nupcial. Entretanto aos poucos tal rito foi sendo transferido da casa pa-

ra dentro da Igreja. Novamente o fenômeno: o que era ato religioso familiar, privado passou a ser eclesiástico e público.

A presença do sacerdote nas cerimônias foi institucionalizada nos sécs. VII e VIII pelas Comunidades Sírias. Nelas começaram a condicionar a validade do casamento ao rito eclesiástico oficial, costume esse que acabou sendo adotado pela Igreja Grego-Bizantina e depois pelas outras Igrejas Orientais, Fenômeno semelhante já havia acontecido em Roma na segunda metade do séc. IV. Praticada com liturgia oficial a bênção matrimonial eclesiástica dada aos noivos se espalha por todo o Ocidente. Tanto na Igreja Oriental como na Igreja Ocidental os textos litúrgicos eram calcados em textos do Gêneses, Cântico dos Cânticos, textos das bênções de Aarão e Tobias assim como as narrativas sobre as bodas em Caná e as palavras de Jesus a respeito da indissolubilidade do casamento além do cap. 5 da carta de Paulo aos efésios.

À partir do séc. IX, acontecendo esvaziamento do Estado, a Igreja Ocidental ocupa o vazio deixado, instituindo forma pública para celebração do casamento assim como a jurisdição sobre o mesmo. Mesmo



Só no século XI a Igreja passa a exigir o consentimento mútuo dado publicamente, aparecendo o ritual da troca de alianças.

assim, até o séc. XVI as cerimônias particulares continuam acontecendo mesmo sem a presença de sacerdotes e testemunhas. Embora legislasse sobre o casamento para vários reinos durante a Idade Média, a Igreja vivia os seus conflitos internos a respeito: havia Bispos que defendiam a indissolubilidade do vínculo e outros que permitiam um novo casamento em caso de adultério comprovado (Mt. 5, 32; 19,9).

A questão do divórcio já era polêmica na época. No séc. VIII, na França, eram motivos de divórcio o adultério, o incesto e a entrada de um dos cônjuges para o convento.

Também prisão e certas formas de doença como a lepra e doenças mentais quando manifestadas após o casamento. No séc. X os Tribunais Eclesiásticos adquirem o status para julgar causas relativas ao casamento, tempo quando o matrimônio começa a ter significado sacramental, fechando-se portanto a questão da indissolubilidade. Dadas as circunstâncias aqui os aspectos jurídicos do casamento se superpõem às dimensões teológicas.

Ao chegar no séc. XI a Igreja Oriental já tinha como obrigatória a bênção eclesiástica condicionando, como já foi dito, a validade da ceri-

Somente no século XIII o matrimônio é reconhecido como sacramento.

mônia à mesma enquanto a Igreja Ocidental tomou outro rumo. Sob influência do Direito Civil Romano a Igreja passou a considerar obrigatória, não a bênção eclesiástica, mas o consentimento mútuo do casal dado publicamente. Daí porque o dito consentimento, as testemunhas e a troca de alianças com o tempo foram sendo incorporados à celebração litúrgica. Em alguns lugares o sacerdote chegava mesmo a entregar ao marido a esposa, momento esse que

marcava o auge da cerimônia.

O matrimônio só veio a ter status de sacramento no séc. XIII e no Concílio de Trento (1545-1563) já era consenso entre os teólogos o matrimônio como tal. Infelizmente no pós-concílio tridentino a necessidade de se fazer prevalecer a autoridade eclesiástica, então em crise, a reflexão ao redor da sacramentalidade do matrimônio acabou se empobrecendo, mas felizmente o Conc. Vat. II retoma a reflexão e relê a Teologia Matrimonial nos seus vários ângulos. Assim o amor entre um homem e uma mulher é recolocado como uma das formas mais perfeitas e ricas de se viverem os valores da Fé e Vida não obstante todos os seus conflitos.

- Se sacramento quer dizer símbolo ou sinal, por que o matrimônio foi afinal reconhecido como sacramento?
- Que valores e realidades humanas serão a base essencial do sacramento do matrimônio?
- Qual o sentido da celebração pública do matrimônio, diante da comunidade dos cristãos?

Números que assustam

33 milhões de famintos • 10 milhões de desempregados

A fome é imoral.
O desemprego também.
Faça alguma coisa.



Contra a fome, comida.
Contra a miséria, emprego.

Números que assustam

Partilha e luta

Selma e Helio Amorim

Números divulgados nestes últimos dias são inquietantes e desafiadores. São realidades sabidas mas que assustam quando medidas em números concretos. Mostram um quadro estarrecedor.

Assim, sabemos que são 500 mil as meninas de 17 anos que vivem da prostituição, no Brasil, meio milhão!

Cerca de 4 mil meninos vivem nas ruas do Rio. Outros tantos em São Paulo. Já não se sabe quantos, ao todo, nas cidades do Brasil.

Das quase 6 mil crianças assassinadas entre 1988 a 1991, a grande maioria eram meninos e meninas que vivem nas ruas. Quase todos foram mortos de forma tal que só matadores profissionais seriam capazes de fazer tiros na cabeça e no tórax.

É o extermínio contratado com policiais ou pistoleiros, por preços irrisórios. A concorrência entre grupos de extermínio já baixou a tarifa de 40 para 10 dólares por morte. É quanto vale, hoje, a vida de um menino que rouba para sobreviver nas ruas, incomodando o comércio e o turismo elegante das cidades.

- Problemas deste tipo existem em nossa cidade?
- O que podemos fazer para reverter este quadro tão triste? Não nos sentimos um pouco responsáveis por estas desigualdades sociais?

"O soberano não deve erguer seu palácio antes de construir as casas da gente humilde". (Provérbio turco).

Outros números instigantes, revelados nestes dias: manter um preso, custa, ao Governo, entre 400 e 550 dólares por mês. Ora, a maioria da população das prisões do Brasil não estaria nelas se ganhasse salários desse tamanho, é claro. Não teriam furtado, assaltado ou matado se ganhassem o mínimo para sobreviver e alimentar seus filhos. O salário mínimo não dá. E o desemprego muito menos.

Essa é, na verdade, a causa primeira de todas as trágicas realidades da prostituição de meninas, de caça aos meninos e meninas de rua, das prisões superlotadas de presos pobres e da violência crescente, com evidentes sinais de ódio entre classes sociais.

A reversão desse quadro não depende só dos governos. Depende, antes, de todos os cidadãos que, tendo o que comer e o essencial para viver, com dignidade, se disponham a partilhar seus privilégios com os lascados, e assumam, como suas, as lutas de liberação desses irmãos, excluídos dos benefícios da cidadania.

Dificuldades e linhas de ação da pastoral familiar

Frei Antonio Moser
Teólogo, escritor

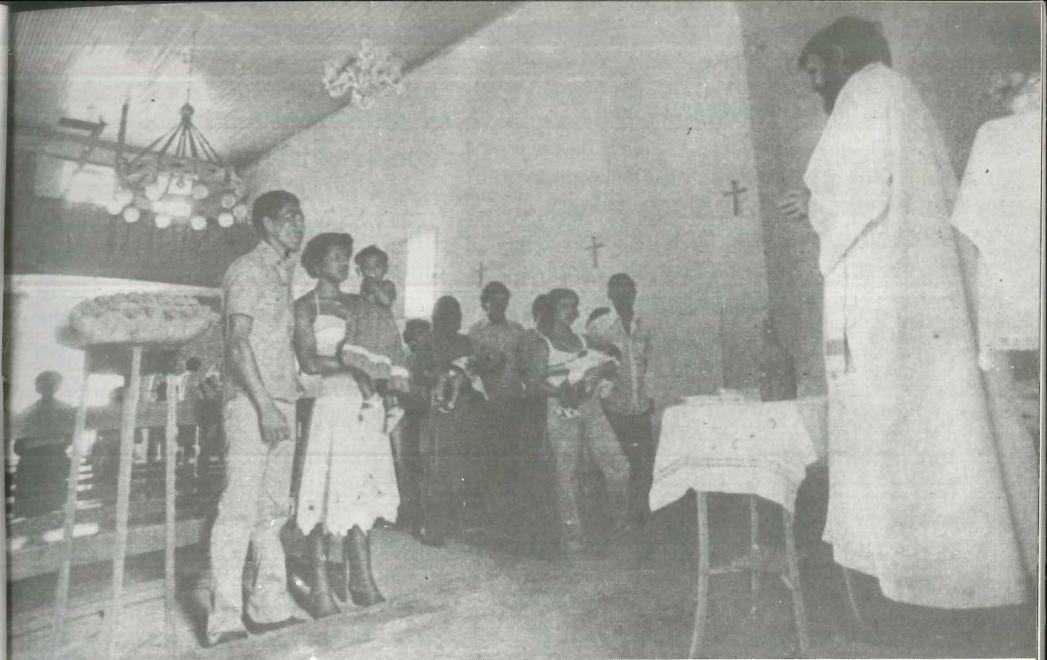
Sabidamente a Pastoral Familiar vem encontrando grandes dificuldades. Isso, em primeiro lugar, porque ela parece revelar pouca eficácia: um grande número de casais e famílias, mesmo cristãos, passa ao largo de suas diretrizes. Parece certo que não cabe a ela resolver todos os problemas que afetam o quadro familiar. Mas, se poderiam esperar melhores resultados, ao menos naquilo que lhe é mais específico.

Além disso, muitas vezes confundida com a atuação dos movimentos familiares, a Pastoral Familiar dificilmente se enquadra numa Pastoral de Conjunto, e entra mesmo em choque com outras pastorais, sobretudo com a Pastoral Social. Essa caminhada a passos largos, fazendo-se sempre mais presente, enquanto a Pastoral Familiar parece em recuo e um tanto desacreditada.

Por mais que se insista sobre a necessidade de a Pastoral Familiar se articular com a **Pastoral de Conjunto**, e, devido às nossas condições concretas, com a Pastoral Social, não se pode perder de vista que cabe a ela uma tarefa específica, resumida na educação para o amor. Só que essa expressão traz consigo muitas implicações teóricas e práticas, por vezes não percebidas, ou desligadas do contexto brutal e

conflitivo em que vivemos. Finalmente, as dificuldades da Pastoral Familiar emergem de uma série de pontos de estrangulamento, que deixam mesmo os cristãos pouco satisfeitos com o que entendem como sendo doutrina da Igreja. Entre esses pontos de estrangulamento convém não perder de vista aquilo que muitas vezes vem percebido como discriminação dos que vivem nas chamadas "situações irregulares", em especial os recasados. Mas, além disso, se constata, sempre de novo, um certo mal-estar no que se refere à questão do planejamento familiar. Cu, devido a toda uma mentalidade reinante cu, devido a uma inadequada compreensão do que seria de fato "doutrina da Igreja", muitos cristãos sentem dificuldade em posicionar-se neste particular.

Uma Pastoral Familiar que se queira evangelicamente mais eficaz deverá ter presente a problemática que brota da situação real de nossa configuração familiar. Entretanto, só isso não basta. Para responder a esses desafios, ela deverá oferecer, ao mesmo tempo, ao menos algumas linhas de ação que facilitem uma prática transformadora. Só assim ela poderá adquirir maior credibilidade.



Uma pastoral familiar evangelicamente eficaz terá em conta a situação real das famílias concretas e facilitará uma prática transformadora da sociedade.

Pastoral Social e Familiar numa Pastoral de Conjunto

A julgar pelo que se observa em várias dioceses do Brasil, Pastoral Social e Pastoral Familiar pouco têm em comum. Por vezes, as incompreensões mútuas existentes entre os agentes de cada uma dessas pastorais chegam a dar a impressão de que elas se excluem. Isso nos leva a perceber a necessidade de alguns esclarecimentos e aprofundamentos básicos, seja a nível de conceitos, seja, sobretudo, ao nível de operacionalidade dos dois setores no seio de uma Pastoral de Conjunto.

Como foi visto mais acima, tanto a Pastoral Social, quanto a Pastoral Familiar, remetem para as transformações sócio-culturais e religio-

sas que vêm se operando na América Latina e no Brasil nesses últimos 40 anos. O acelerado processo de industrialização e urbanização, aqui verificado, vem provocando mudanças não só rápidas, quanto profundas, em todos os campos. Passa-se, num curto período de quatro decênios, de uma sociedade predominantemente agrária para uma sociedade predominantemente urbana. Com isso, acentuam-se os problemas em todos os níveis e inverte-se o quadro das forças dominantes. Enquanto a sociedade agrária encontra-se basicamente organizada a partir de micro-estruturas, notadamente da estrutura familiar, a sociedade urbana é dominada pelas macro-estruturas.

1. Primeiro distanciamento: a partir da linguagem

Toda e qualquer pastoral surge do desejo de evangelizar adequadamente uma realidade determinada. Assim, a Pastoral Social, como o nome sugere, visa evangelizar a sociedade com um todo, enquanto a Pastoral da Família visa evangelizar mais especificamente a família. Aqui, contudo, surge o primeiro distanciamento entre essas duas pastorais: enquanto a Social se apercebeu mais imediatamente da força predominante das estruturas sociais sobre os comportamentos pessoais e interpessoais, a Pastoral da Família custa traduzir isso para seus quadros teóricos e práticos.

Por sua própria definição, a Pastoral Social viu-se forçada a mergulhar nos mecanismos sociais, sentindo ao vivo suas contradições. Enquanto isso, igualmente inspirada na sua própria definição, a Pastoral da Família, detém-se no círculo familiar, tentando encontrar ali tanto as causas da desagregação familiar, quanto a força evangelizadora. A superação desse primeiro distanciamento exige que analisemos em separado a metodologia e o conteúdo básico das duas pastorais.

Significativamente é bem recente a expressão Pastoral Familiar. Seu nome primeiro e mais comum é Pastoral da Família. Embora, à primeira vista, se trate apenas de um jogo de palavras, na realidade as duas expressões traduzem compreensões bem diferentes.

A Pastoral da Família parte da pressuposição de uma sociedade agrária e pré-industrial. Ali, a rigor, a

É insustentável o princípio de que evangelizando as pessoas e famílias se evangeliza automaticamente a sociedade.

sociedade vem constituída exatamente pela soma de microorganismos, momente de clãs e famílias. Por isso mesmo, não funcionam tanto os mecanismos sociais, quanto os familiares. Conseqüentemente, uma pastoral que abrange os membros das várias famílias já é, indiretamente ao menos, uma pastoral que atua sobre o social. Aqui valem os princípios de que a família é a célula-mãe da sociedade e que a pastoral da família já é uma pastoral social.

Contudo, com a revolução industrial e urbana, implantada de modo artificial e caótico, os mecanismos sociais ganham sempre maior força, absorvendo as pessoas e as microestruturas. Destarte, a Pastoral da Família se torna sempre menos eficaz se não vier secundada por uma verdadeira Pastoral Familiar.

É certo que, mesmo num contexto urbano e industrializado, subsistem problemas familiares que remetem diretamente para as pessoas. Com isso, a Pastoral da Família continua tendo sua validade. Ademais, ela mantém sua validade no sentido de confirmar as chamadas "famílias bem constituídas".

Entretanto, na sociedade urbana e industrial como a nossa, nos deparamos com duas coordenadas completamente diferentes. A primeira diz respeito exatamente à constituição

das famílias: em muitas regiões as famílias "bem constituídas" se apresentam como exceções. Há um acentuado número de famílias não oficialmente constituídas, ou então desfeitas. Em segundo lugar, a maior parte das pessoas são inatingíveis por uma pastoral que seja simplesmente da família. Daí a necessidade de uma pastoral verdadeiramente familiar, que trabalhe sobretudo ao nível dos mecanismos sociais e culturais.

Assim, a superação do primeiro distanciamento entre Pastoral Social e Pastoral Familiar só será possível quando essa última for, de fato, articulada ao social, ou seja, quando ao lado da Pastoral da Família houver uma Pastoral Familiar.

2. Segundo distanciamento: a partir dos conteúdos

O primeiro distanciamento se verifica mais ao nível da compreensão da realidade, traduzida pelos próprios conceitos. O segundo distanciamento se fundamenta nos objetivos perseguidos.

A Pastoral Social, concretamente efetivada em nosso meio, pensa que a evangelização em profundidade só é possível quando associada à libertação, no sentido assumido por Puebla. De nada adianta trabalhar pessoas, apontar um ideal para elas, se não lhes forem dadas condições mínimas de possibilidade.

A Pastoral da Família, por sua vez, tem por objetivo primeiro as microestruturas e as pessoas concretas. Evangelizar seria transformar antes de tudo as microestruturas e as pessoas. Ademais, para uma

Pastoral da Família poder-se-ia evangelizar quase que independentemente das condições sociais e culturais. Com isso, se tende trabalhar indistintamente famílias de camadas sociais mais favorecidas e famílias de cunho mais popular. Pior ainda, ao menos inconscientemente, muitas vezes se tem como pacífico que o modelo familiar único, ou ao menos ideal, se confunde com os padrões de classe média. Daí, até impor esse modelo e seus valores sobre as famílias de classe popular, vai apenas um passo. Ora, o evangelizador que percebe as falhas provindas da própria condição de pobreza em que vivem essas famílias, não pode deixar de perceber os valores, freqüentemente aí encontrados. Basta que sejam cultivados: senso comunitário, de justiça, de solidariedade, de fraternidade... Para os agentes da Pastoral Social, as pressuposições da Pastoral da Família se apóiam sobre dados pré-científicos, e por isso mesmo são idealistas, no sentido negativo da palavra.

Embora querendo evitar um concordismo fácil, não se pode deixar de perceber que, do momento em que a Pastoral da Família se abra para uma Pastoral Familiar, como acima explicitado, estamos diante de um falso dilema. Infelizmente, na Pastoral da Família subjaz um princípio nem sempre presente: "evangelizando as pessoas e famílias se evangeliza automaticamente a sociedade". Isso é, certamente, insustentável, como também seria insustentável pressupor que a evangelização das estruturas sociais evangelizaria automaticamente as

pessoas e as microestruturas.

Parece claro que uma nova sociedade só será possível mediante a evangelização tanto das pessoas e microestruturas, quanto das macroestruturas. Assim como no nível da compreensão a chave social não exclui a pessoal, assim também ao nível da transformação evangélica da realidade. Para serem melhor compreendidos e resolvidos os problemas sociais, familiares e das microestruturas, devem ser lidos em chave social. Isso não anula nem as pessoas, nem a responsabilidade pessoal e dos grupos: coloca-se no seu devido lugar. Como também não podem ser postas em questão as microestruturas, entre as quais se destaca a familiar. Micro e macroestruturas não são departamentos estanques. Elas devem ser articuladas dialeticamente e trabalhadas simultaneamente.

3. Terceiro distanciamento: a partir dos agentes

O terceiro distanciamento se refere mais aos agentes das respectivas pastorais. A Pastoral Social parte da pressuposição de que deve ser superada a dicotomia "evangelizandor-evangelizando". Isso vale particularmente no que diz respeito aos pobres. Eles também devem ser considerados como "agentes" tanto em termos de evangelização, como em termos de construção de uma nova sociedade. Já a Pastoral da Família, por se verificar, historicamente, mais a nível de classe média, julga que os evangelizadores e transformadores da realidade familiar devem provir de "quadros" devi-

damente selecionados. E, com certeza, essa pressuposição não poderá ser mantida quando se está em sintonia com uma Teologia de cunho mais latino-americano.

Ademais, para os representantes da Pastoral da Família, parece evidente que os principais agentes devem ser os pais. Embora teoricamente isso não possa ser negado, na prática, em nosso meio, se verifica que esses, em sua maioria, não dispõem de condições mínimas para exercer essa função. Daí a necessidade de se valorizar a tarefa educadora da própria comunidade de fé, seja na sua forma paroquial, seja, particularmente, quando se estrutura na forma de CEB. E essa tarefa não pode ser concebida de modo setorial ou isolado: ela remete para o todo do processo evangelizador, onde se destacam a catequese de crianças e adultos, os círculos bíblicos, as celebrações litúrgicas e a oração que abraça a realidade concreta. E isso tudo pressupõe que esse processo se revista de um cunho profético, sabendo colaborar com outras forças históricas, particularmente ecumênicas, que apontam na mesma direção.

Também no que se refere ao terceiro distanciamento – dos agentes – parece-nos que a superação do impasse só poderá ocorrer na medida em que se instale uma verdadeira Pastoral Familiar. A Pastoral Familiar certamente não despreza o trabalho dos agentes provenientes dos Movimentos e, consequentemente, da classe média, desde que esses mudem seu eixo de referência e se coloquem dentro de uma Pastoral de Conjunto.

Entretanto, também para a Pastoral Familiar, que tenha muito presente a realidade em que vive a maior parte das nossas famílias, os agentes não poderão vir de fora: serão constituídos por cristãos que vivem nesta mesma realidade dramática de nossas periferias, ou ao menos que a assumam. Esses cristãos, mais do que ninguém, deverão ser os agentes da evangelização e transformação dessa realidade.

Como conclusão desse item, deveríamos dizer que a nova consciência, surgida com uma nova realidade e uma nova compreensão da mesma através do subsídio das ciências do social, parece encontrarse na origem de desencontros teóricos e práticos entre Pastoral Social e Pastoral Familiar. A gritante realidade vivida pela maior parte de nossa população, acossada por estruturas de pecado, fez com que a Pastoral Social se desenvolvesse numa direção nem sempre trilhada pela Pastoral Familiar. Diferenças na compreensão da realidade na metodologia empregada, nos objetivos perseguidos e nos agentes escolhidos tornaram tensas, em muitas dioceses, as relações entre as duas pastorais em questão. Parece-nos que a tensão pode e deve ser adequadamente superada. Entretanto, para que isso ocorra, ao lado do es-



tudo teórico, parece impor-se uma nova prática, na qual não existam pastorais isoladas, mas que todas sejam coordenadas por uma Pastoral de Conjunto. Assim, as incompreensões serão substituídas por uma compreensão adequada; ângulos diferentes de uma mesma preocupação, evanglicamente libertadora.

- Resulta clara a diferença entre pastoral familiar e pastoral da família? Exemplos.
- Que experiência temos adquirido, atuando na pastoral familiar?
- As questões apresentadas neste artigo correspondem à nossa experiência?
- Quais as possibilidades de vencermos as dificuldades apontadas?
- O que fazer? O que faremos para chegar a uma pastoral cada vez mais humanizadora?

Evangelho, fonte de vida

**Pe. Daci Luiz Marin
Vida Pastoral**

(Entrevista com Fr. Clodovis M. Boff)

— Estamos atravessando um tempo de desilusão intra e extra eclesial. Como sair desse “peso” (évitando otimismo ilusório) em busca de esperança fundamentada na realidade possível?

Fr. Clodovis: Pelas suas dimensões, a “desilusão” atual não parece ser o indicativo de uma situação passageira ou puramente conjuntural, como se diz. Também não é uma questão propriamente estrutural relativa à economia, à política e mesmo à cultura (no sentido restrito). Trata-se possivelmente de uma “crise de civilização” ou “de cultura” no sentido amplo — crise na qual tudo vem de novo posto em jogo: os modelos econômicos, os projetos políticos, as visões culturais; o social e o pessoal; a relação com a natureza (ecologia), com o outro gênero (mulher ou varão), com o diferente (negro, índio), com a própria subjetividade e até com o Transcendente (o retorno do sagrado).

Nesse sentido, no Discurso Inaugural de Santo Domingo, o Papa afirma: “Hoje em dia estamos diante de uma crise cultural de proporções inimagináveis”. E os bispos, que re-

toram essa afirmação, vêem nessa crise um “desafio gigantesco” (Doc. de Santo Domingo nº 230).

Seja como for, eu veria a crise do momento atual, tanto para a Igreja como para o mundo, não como um momento de morte, mas de crescimento e vida. É uma chance de arquivar com velhos dogmatismos, de superar sectarismos e de se abrir a novos problemas e novos horizontes. Ela assinala um tempo de renovar as concepções e criar propostas diferentes. Essa é uma opção prévia de fundo, fundada na confiança nas forças da vida, que são sempre mais potentes que as forças de morte. Para uma pessoa de fé, que aprendeu com S. Paulo a dialética da “abundância” do pecado e da “superabundância” da graça (cf. Rm 5,20) e que, na escola do próprio Cristo, ouviu falar do assalto ao “forte” (o Diabo) pelo “mais forte” (o Messias) cf. Lc 11,21-22), a atitude mais correta diante dessas e de outras crises é de um otimismo fundamental e mesmo de “esperar contra toda esperança”.

Também não quero fazer aqui a “apologia da crise” sem mais. A crise existe como prova, que deve ser as-



CEREZO BARRETO 88

sumida e superada. Por onde, pois, se pode sair da crise? Acho que tanto o evangelho como nossa experiência cristã latino-americana podem nos dar indicações úteis. Primeiro, o potencial do pobre. Pois a quem interessa um futuro novo? Na-

turalmente às vítimas do presente: do mercado liberal, da modernidade capitalista, da cultura da exclusão, da política de minorias. A multidão dos oprimidos, de muitas faces e nomes, aparece pois como os protagonistas potenciais (mas não sozinhos) de

uma possível mutação civilizacional. Portanto, a "opção pelos pobres", entendida em sentido ampliado, indica aqui o sulco fecundo em que se deve semear no presente se quisermos colher no futuro. Acho ilusório (e ingênuo) acreditar nos "princípios deste mundo" (potências políticas, tecnológicas, econômicas) no sentido de transformar o regime do mesmo mundo e criar uma "nova ordem" social e civilizacional, pois isso não lhes interessa em absoluto.

E, depois, é preciso individualizar dentro da situação atual, latejam os germes do futuro; onde o novo está aparecendo; onde surgem sinais de um mundo novo. E aí podemos apontar para vários processos positivos, apesar de todas as suas ambigüidades: as organizações e lutas dos pequenos de toda sorte, os grupos de solidariedade internacional, o voluntariado social, a recuperação das culturas reprimidas, a luta pelos direitos da mulher e do feminino em geral, a sensibilidade para a ecologia, a exigência de ética na política, a busca de um sentido sagrado à vida e à história e por aí vai. E por aí que desponta o futuro. E é nesses campos que se há de investir esforços e esperanças.

— Com o clima trazido pelos acontecimentos mundiais dos últimos anos, a tentação é cada um voltar-se para seu pequeno mundo, abandonando os grandes ideais políticos e sociais e voltar-se para a vida interna das pequenas comunidades, as pastorais intra-eclesiás. Ainda que tudo isso tenha sua importância, como ficam os que estão fora?

A crise atual, na Igreja e no mundo, não é um momento de morte, mas de crescimento e vida.

Fr. Clodovis: A fé deve estar atenta aos Sinais dos Tempos, mas não necessariamente se deixar submeter a eles. Ao contrário, pode até reagir contra. Ela mantém firmes e soberanas suas exigências éticas e a partir delas julga o curso do mundo.

Ora, a tendência internista e subjetivista que sentimos hoje deve sim ser levada em conta, mas não como o metro da fé. A fé bíblica coloca indubitavelmente o imperativo profético da libertação do oprimido. Isso não pertence às conjunturas ou oportunidades históricas, mas é questão de princípio, que há de atravessar toda a prática histórica. Por isso mesmo, há de se reagir contra o fechamento do internismo: subjetivo, familiar ou comunitário.

Por outro lado, o internismo coloca um desafio para uma fé que se quer libertadora. Interno sim, internista não. Como realizar uma libertação que se conjugue com as exigências internas da pessoa? Continuar o compromisso sem considerações relativas à subjetividade é incidir no dogmatismo. Mas tratar dessas questões às custas do compromisso, não me parece também ser uma boa lógica. A saída é uma síntese em que o compromisso se dá sem sacrifício da subjetividade e vice-versa. Ao contrário: o desabrochamento do eu há de ser condição

do desenvolvimento social; e o compromisso, condição de realização do eu.

A questão aqui não é tanto de quantidade, mas de qualidade. Não o volume do empenho numa ou noutra esfera, mas o modo de sua relação. Por isso há de se pensar um outro tipo de militância: mais prazerosa e realizante, que envolva o sentimento, a fantasia, o bom humor como nos mostraram a seu modo os "caras-pintadas" da campanha pelo impeachment. Igualmente é preciso pensar numa outra subjetividade, mais rica e profunda que a meramente burguesa: aberta ao outro e em diálogo com o processo histórico, onde o eu se mede com o todo, tanto no nível social como também ecológico.

— Como os agentes de pastoral podem viver a solidariedade com os empobrecidos que moram mal, estão subempregados ou desempregados, são subnutridos... ?

Fr. Clodovis: A solidariedade com os abandonados assume múltiplas formas. É um leque que vai desde uma vocação carismática de quem vai viver com eles e como

- *Como é possível fazer uma efetiva opção pelos pobres?*
- *Qual a base evangélica para essa opção?*

**Leia e assine
fato e razão**



O documento de Santo Domingo ratifica os compromissos para com os empobrecidos.

eles (temos gente que convive com os mendigos, outros que participam das frentes de trabalho para os flagelados, outros ainda que sobem nos caminhões com os bôias-frias), até aqueles que, a partir de sua própria situação social, "hipotecam solidariedade" com os excluídos em nível de sua competência profissional, de seu poder político ou de qualquer outra habilidade.

Sem dúvida, a Igreja precisa se aproximar fisicamente mais dos miseráveis ou excluídos. Sem um contato vivo e orgânico não há condições de compreender sua situação e auxiliá-los em sua libertação. A questão da "exclusão social" é um dos maiores desafios da sociedade e da Igreja. Essa é a cara da pobreza dos anos 90. Os "crentes" parecem ter maior penetração nesse universo do que a Igreja da Libertação. Que isso nos sirva de provocação para a prática da caridade e das boas obras (Hb 10,24).



Pensando bem...

As ações represivas, de uma forma geral, dão a falsa idéia de solução de conflitos, sejam eles familiares ou sociais.

Prisão recupera?

Domingos Bernardo de Sá
Advogado-Professor de Direito Civil
da UCP

A prisão é uma solução falsa. É parecida com a "limpeza" da sala à custa do lixo escondido embaixo do tapete. Esse tipo de "limpeza" não consegue resistir por muito tempo. O lixo se acumula, esgarça o tapete e, assim, logo o ambiente estará contaminado e com muito mais intensidade. Toda comparação, como é sabido de todos, é uma aproximação, não uma identidade de situação. No caso, o que seria "limpeza" e qual o "lixo"?

A segregação da pessoa, o seu afastamento do meio social e, portanto, familiar, é a "limpeza", prevista no Direito Penal. De fato, a repressão penal dá, muitas vezes, a transitória idéia de solução. Aliás, as ações repressivas, de uma forma geral, dão a falsa idéia de solução de conflitos, sejam eles familiares ou outros quaisquer produzi-

dos na vida em sociedade. Obtém-se um silêncio passageiro imposto pela mordaça. O tapa-boca curva o preso, emudece o jovem, cala o estudante ou silencia a mulher, mas não convence, não recupera, apenas cria o impasse.

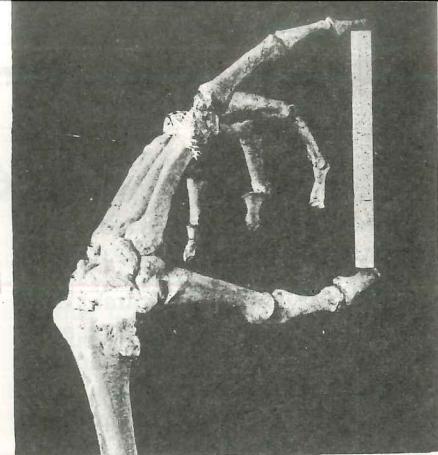
É essencial observar que ninguém minimiza a falta porventura praticada, pelo fato de se afirmar a falência da prisão na esmagadora maioria das vezes em que é aplicada. A conduta faltosa, entretanto, não se corrige nem se evita com a simples acumulação dos faltosos em qualquer que seja o estabelecimento prisional – o "tapete" que teria o objetivo de esconder da sociedade agravada os "lixeiros" com seus "lixos", os presos com suas faltas. O que se quer é a adoção de outras formas de controle social, de limites autênticos, desenvolvi-

dos na própria vida em sociedade, na família, na escola ou no ambiente de trabalho. Afim, produz-se verdadeira "pedagogia dos limites", porque esses limites ensinam. É assim que pais e filhos, professores e alunos podem e devem desenvolver suas próprias regras de convivência e as suas peculiares sanções, por infração às mesmas regras. Acontece que a sociedade está impedida, em variadas hipóteses, de desenvolver seus adequados mecanismos de controle porque não tem autonomia para tanto, tendo em vista a obrigatória intervenção do direito penal e da consequente repressão policial.

E mesmo quando determinada conduta supera as forças de coerção desenvolvidas, livremente, no tecido social, ainda assim, cumpre aos modernos penalistas construir os chamados "substitutivos penais", referidos pelo famoso criminalista Evandro Lins e Silva, em seu artigo sobre o que ficou conhecido como o massacre de Carandiru: "... a visão pioneira de Enrico Ferri, que propunha, há um século, os famosos substitutivos penais, isto é, outras formas de reprovação da sociedade contra o crime que não fossem a prisão".

Afinal, se essas reflexões não convencerem, convençam-nos ao menos, os "lixos" que todos portamos, e que, certamente preferimos "limpar" com outros recursos que não a prisão.

- Como nos posicionamos diante das questões aqui propostas?
- Existem alternativas?



Fumar em casa faz mal às crianças

A Agência de Proteção ao Meio Ambiente dos Estados Unidos (EPA) advertiu, que as pessoas não devem fumar dentro de suas casas, especialmente, perto de crianças.

A agência anunciou um programa de educação pública para reduzir a exposição de não-fumantes à fumaça de tabaco despejada no ambiente. Segundo a EPA, a fumaça que atinge os não-fumantes também causa câncer.

A EPA está concluindo um estudo sobre os riscos que sofrem os chamados fumantes passivos, em especial, as crianças. Calcula-se que as crianças tenham a cada ano entre 150 mil e 300 mil infecções pulmonares devido à fumaça.

"O que nós estamos pedindo hoje é que se evite a fumaça de cigarro perto das crianças", assinalou a administradora da EPA, Carol Browner. Segundo ela, os funcionários de creches e escolas devem tomar cuidado especial.

América

E Vovó explica:

— Montezuma quis entrar em acordo com os deuses brancos e enviou a Cortez, entre outros presentes, carros cheios de ouro; e o tratou como hóspede, não como inimigo, depois que o espanhol entrou na cidade. Cortez procurou converter Montezuma ao cristianismo, contando da bondade e mansidão dos seguidores de Cristo. O rei azteca, porém, estava vendendo coisa muito diversa, e achou que se aqueles homens seguiam a Cristo, então esse deus Cristo não valia mais que os deuses aztecas. Subitamente Cortez aprisionou Montezuma — e a luta recomeçou terrível. O rei foi morto, afinal, e o México dominado, porque os pobres aztecas não puderam resistir à violência das armas de fogo, manejadas por homens ferocíssimos. E começou o saque. Tudo quanto era ouro, ou de valor, foi remetido para a Espanha. Era assim que aqueles grandes homens espalhavam a religião de Cristo.

— Imaginem o espanto de Jesus Cristo se voltasse ao mundo! — observou a menina.

— A conquista da América pelos europeus foi uma tragédia sangrenta. A ferro e fogo! — era a divisa dos cristianizadores. Mataram à vontade, destruiram tudo e levaram todo o ouro que havia. Outro espanhol, de nome Pizarro, fez no Peru coisa idêntica com os Incas, outro povo de

Fragmento de "História do Mundo para as Crianças", de Monteiro Lobato, 1938.

civilização muito adiantada que lá existia. Pizarro chegou e disse ao imperador inca que o papa havia dado aquele país aos espanhóis e ele viera tomar conta. O imperador inca, que não sabia quem era o papa, ficou de boca aberta, e muito naturalmente não se submeteu. Então Pizarro, bem armado de canhões, conquistou e saqueou o Peru.

— Mas que diferença há, vovó, entre estes homens e aquele Átila, ou aquele Gengis Khan que marchou para o Ocidente com os terríveis tátaros, matando, arrasando e saqueando tudo?

— A diferença única é que a His-

tória é escrita pelos ocidentais e por isso torcida a nosso favor. Vem daí considerarmos como feras aos tátaros de Gengis Khan e como heróis, com monumentos em toda a parte, aos célebres "conquistadores" brancos. A verdade, porém, manda dizer que tanto uns como outros nunca passaram de monstros feitos da mesmíssima massa, na mesmíssima forma. Gengis Khan construiu pirâmides enormes com cabeças cortadas aos prisioneiros.

Vasco da Gama encontrou em Calecut, na Índia, vários navios árabes carregados de arroz. Aprisionou-os, cortou as orelhas e as mãos de oitocentos homens da tripulação e depois queimou os pobres mutilados dentro dos seus navios.

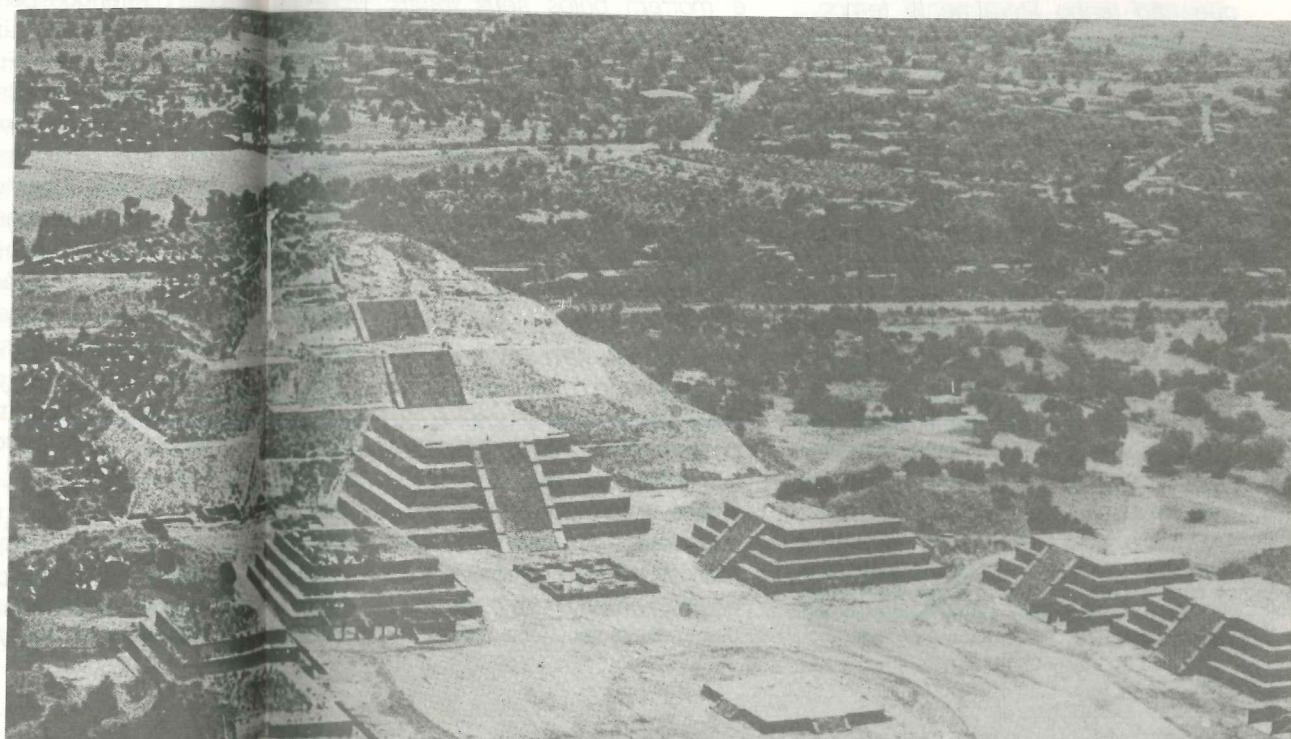
— Que bárbaro! — exclamou a menina horrorizada. E que Camões diz a isso em seu poema?

— Camões não toca no assunto. Era tanta orelha que achou melhor

pular por cima.

— Que pena, vovó, terem essas feras destruído as civilizações americanas! — lamentou Pedrinho. Como tão mais interessante e variado seria o mundo, se esses povos tivessem podido seguir seu caminho...

— Na realidade, meu filho. Mas que quer você? Tais gloriosos conquistadores não passavam de insignes piratas, de audácia igual à daqueles normandos que invadiram a França e a Inglaterra. O pretexto era a necessidade de introduzir no Mundo Novo a religião de Cristo — do meigo e infinitamente bom Jesus. Foram infames até nisso, de esconderem a insaciável cobiça sob o nome do homem tão sublimemente bom. O sarraceno pregava o Corão com a espada. O cristão pregava a Bíblia com o arcabuz e a peça de artilharia. O diabo decida entre ambos... e os tenha a todos no maior dos seus caldeirões.



Povos que habitavam o México, antes da chegada de Colombo, deixaram inúmeras marcas da sua cultura, como na Cidade dos Deuses, com as pirâmides do Sol e da Lua, seus altares e palácios reais.

Para mamãe

Primeira carta

É noite. Estou com um doente passando mal e tenho de tomar a pressão de meia em meia hora. E aproveito os intervalos para lhe escrever, pois acabei de ler o apêlo do jornal neste sentido. Espero que o avião do Correio Aéreo passe em tempo de lhe entregar esta carta antes do Dia das Mães.

Eu sei como a senhora lamenta eu lhe escrever tão pouco e não estar aí perto da senhora. Em parte a senhora tem razão. Mas o certo é que não tenho literalmente tempo. Enquanto não preparamos alguns auxiliares, sou clínica-geral, pediatra, parteira, dentista (para extrações...), professora que tem de explicar tudo aos auxiliares que já vão aparecendo para nos ajudar. E com a graça de Deus, tenho conseguido coisas de arrepia que parecem milagres. Os regimes alimentares que receito merecem figurar no National Geographic Magazine e têm até formigas. Já sei receber ervas curativas e algumas são até úteis além do efeito psicológico. E tem gente andando, caçando, pescando que de-

Cartas a mães desconhecidas, selecionadas e apresentadas por José e Lya Sollero em programa radiofônico sobre temas familiares, em São Paulo.

acordo com os livros já devia estar morta há muito tempo. E quando passo, muitos me chamam de feiticeira. A senhora precisa de me ver cercada de curumis e o brilho dos olhos deles quando a "doutora" os acarinha.

E se a senhora, como boa militante de movimento de Igreja acha que estou perdendo meu tempo cuidando dos efeitos e que aí no Rio eu poderia tratar das causas, eu só digo que esta é minha vocação e outra as de vocês. Vocês são muito bons, sei que são sinceros, sofrem, são presos e morrem pelos seus ideais, mas gosto é de estar por aqui onde me acho útil de imediato. É minha vocação e se papai fosse vivo, acho que gostaria de me ver aqui.

Tio Cândido me falou que a senhora se queixa de eu não me casar e não ter filhos. Tenho 31 anos e ainda posso me casar. E a senhora sabe que ser mãe não é só gerar os filhos. A senhora não considerava seus alunos na escola, os meus colegas e todo o pessoal que ia aí em casa como seus filhos? E eu tenho muitos "filhos" cuja vida, educação, sobrevivência dependem de mim. Tenho a presunção de que alguns nasceram de mim porque teriam morrido se eu não estivesse aqui. E neste momento um está chorando e vou atendê-lo.

Meu doente está bem. E posso acabar esta carta. De qualquer forma um grande beijo para a senhora por este propalado Dia das Mães, como se todos os dias não fossem dia das mães. E noites também.

Já vai começando o movimento em casa. O sol vem surgindo e o Araguaia é uma faixa colorida. A planura é verde até o horizonte. Vou descer e a primeira flor que eu encontrar lhe darei de presente. Chegará murcha mas ainda terá um pouco de perfume desta terra e também da sua filha.

Nasceu o dia. Gostaria de estar perto da senhora ou a senhora perto de mim.

Beijos.
Judith

Segunda carta

Não sei porque estou lhe escrevendo. Sinto-me numa lucidez estranha em que vejo tudo extraordinariamente claro. E no entanto não sei porque estou lhe escrevendo. Não bastaria essa publicidade maciça do Dia das Mães. E não é revolta, vingança, interpelação, ódio. Você sabe que eu não minto. Talvez seja só um desabafo. E nem sei se vou lhe mandar esta carta.

Mas o fato é que sinto uma tranquila necessidade de lhe escrever, ver, de lhe dizer umas coisas. Será, Mamãe, que eu também poderia endear as mães como eu vejo tanta gente fazendo por aí? Além da vida o que você me deu voluntariamente? Acho que nem a vida,

porque no desquite o Papai me falou de que eu nasci de um "erro da tabela" ou o que seja. Agora me lembro. Você fez mais: procurou o desembargador Fulgêncio, aquele bonitão antipático, para dizer que eu não estava bebendo quando do primeiro atropelamento. Mas isto valeu alguma coisa? Se eu tivesse ficado preso naquela ocasião não seria melhor?

Vejo todo mundo contando coisas da casa onde foram criados, coisas da mãe deles. Eu não tenho nada para contar. Mamãe. Em menino nunca acordei vendo-a colocar um cobertor sobre mim. Você nunca me ajudou a fazer um dever. Nunca me contou uma história. Nunca me deu um beijo quando estávamos sozinhos. Me levava para comprar coisas. Me levava nas festas. Me deu explicadores no ginásio. Me dava bastante dinheiro embora menos do que o Pai mandava. Mas ninguém queria andar comigo e eu não sabia por que...

Eu não culpo você. Tudo é tão complicado. E você não pode ser responsável pela minha falta de interesse por tudo. Foi a morte da Babá, o desquite, foram alguns livros, foram as empregadinhas de uniforme engomado que você escolhia, foram os meus amigos os responsáveis. Desculpe. Não foi você.

Mamãe, desculpe. Eu sei que não foi você. E saiba: talvez este desabafo seja um ato de amor. Eu queria lhe mandar umas flores. Vão estas. São do rótulo da garrafa do que estive bebendo. Tirei o rótulo com muito carinho mas ficou um pouco desbotado. Parecido comigo.

Demétrio

Retornando à boniteza do Evangelho

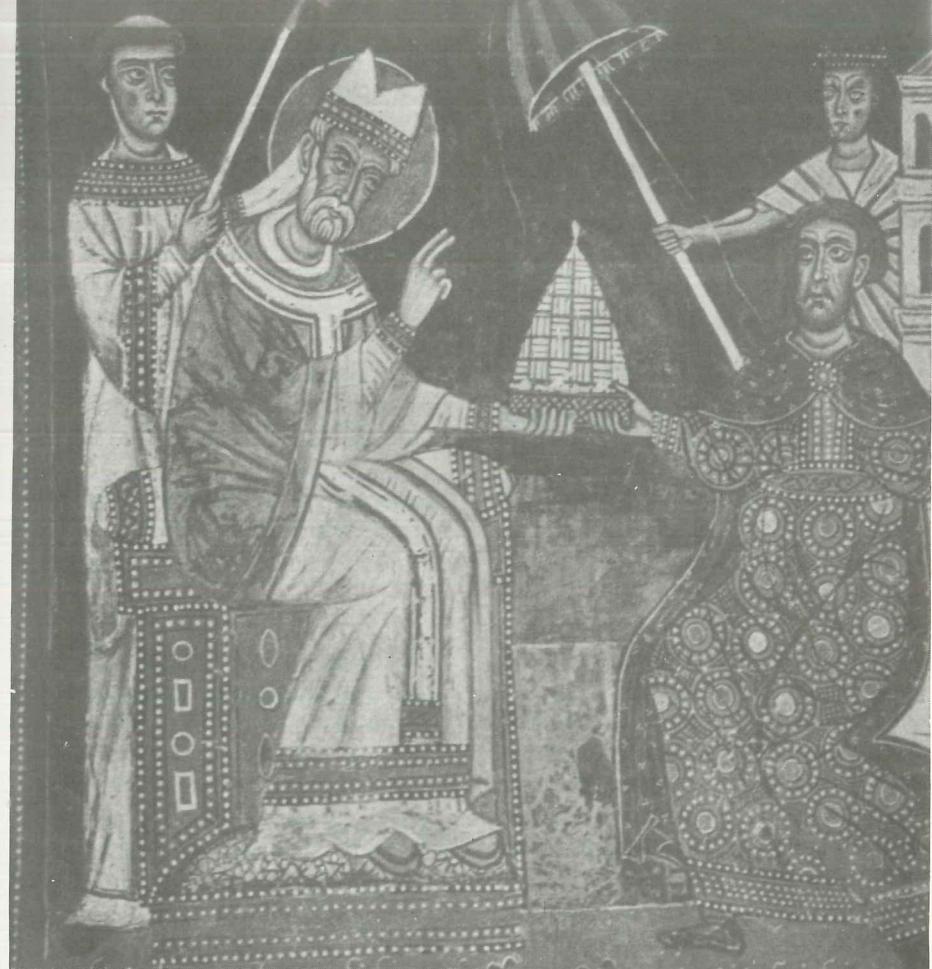
Neide e Itamar Bonfatti
Ex-Presidente Nacional do MFC

Os primeiros cristãos viviam a Fé pelo testemunho e pelo martírio. Não conheciam catecismo. Se havia algo que pudesse, pelo menos de longe, lembrar alguma coisa correlata poderia ser encontrado no texto do Novo Testamento onde uns vinte verbos gregos recordavam tal correlação. Lê-se nele *Didaskein* “ensinar” ou *Martiresthai* que traduzido dá “testemunhar, confirmar” assim como *Evangelisthai*, “anunciar a boa nova”. Somente Paulo escrevendo à Igreja de Corinto usou o verbo *Catequeo* porém no sentido exclusivo da palavra, isto é, “instruir alguém sobre o conteúdo da Fé” (1 Cor. 14, 19). No mesmo sentido o fez quando se dirigiu à Igreja da Galácia (cf. Gal. 6,6) e à Igreja de Colossos (cf. Col. 14, 19). Nestas três cartas o apóstolo fala do ensino oral mas não como doutrinação. No mesmo compasso pode-se ler ainda no NT Lc. 1,4 e At. 18, 25. Tudo isto escrito e vivido na Igreja durante o séc. I dC.

Século seguinte modificações acontecem: a Igreja se expande e se **Institucionaliza** através da hierarquização e clericalização. Neste contexto o néo-convertido se sente naturalmente inseguro diante dos fatos

novos e pede acompanhamento à sua formação. Assim nasceu o **Catecumenato** como momento de preparação à vida da Comunidade Cristã. Nela a Fé era vivida e partilhada durante três(!) anos sendo o **Testemunho da Comunidade** ainda o maior conteúdo do **Catequeo**. O aprofundamento no texto dos **Evangelhos** e orações comunitárias davam solidez à experiência de Fé. Na vigília da Páscoa os catecúmenos após preparação intensa durante a quaresma eram batizados e recebiam logo após a primeira Eucaristia. A opção de cada um era sustentada pelo aval da Comunidade de que os havia acompanhado durante toda a sua formação. Mas **Catecismo** tal como o conhecemos não existia!

Mais tarde vieram os intelectuais convertidos que resolveram confrontar a cultura dominante que era a greco-romana. Com isto a teologia simples e transparente do Evangelho foi se sofisticando até chegar ao platonismo. Surgem as chamadas **Escolas** sendo as mais famosas a de Alexandria, Cesaréia e a de Antioquia. Nelas, ensinavam os pensantes de então, Clemente (215 dC), Orígenes (254 dC), Eusébio



Constantino, imperador romano, revoga as leis que mantinham o cristianismo na clandestinidade e oferece os símbolos do poder ao Papa Silvestre, no século III, pondo fim à perseguição aos cristãos.

(236 dC) e S. João Crisóstimo (407 dC). Catecismo de fato, ainda não!

Estamos agora no séc. XVI, tempo da América recém-nascida quando surgem os primeiros **Catecismos**. As conquistas e colonização da Espanha e Portugal e de outros Impérios criaram – claro! – novos fatos. Acontece também o início das exigências econômicas da burguesia, dos comerciantes e dos

banqueiros, sem deixar esquecidos outros componentes: descoberta da imprensa, a difusão de escolas e os conflitos Igreja x Lutero. O mundo não era mais o mesmo e os católicos se sentiram inseguros naquela confusão no campo da Fé e “sinteses da verdade” passaram a ser benvindas!

Já em atrito com Roma, Lutero publicou dois **Catecismos** (1529)

O catecismo de Pio X foi transformado em “pedagogia de decoreba”, pobre de mensagem do Evangelho.

nos moldes dos que temos hoje. Posteriormente, motivados pelo Concílio de Trento (1545-1563) aparecem quatro outros: um escrito por S. Pedro Canísio (1555) e outro de S. Carlos Borromeu (1556). Em 1586 o catecismo de Jerônimo Rifalda e em 1597 o de S. Roque Belarmino. Todos oficiais porque o oficial de fato foi publicado em 1563 com a assinatura do Papa S. Pio V, fruto do plenário de Trento e com o nome de **Catecismo Romano**.

Na América alguns missionários, já na época sensíveis à questão da evangelização e catequese a partir da cultura dos nativos, publicaram também textos catequéticos que merecem ser lembrados: “**Colóquios e Doutrina Cristã dos Doze Franciscanos**” publicado no México (1524) e o catecismo dos Dominicanos, “**Doutrina Cristã em Lingua Espanhola e Mexicana**” (1544) além da obra escrita em língua quetchua e aymara elaborada por S. Toribio de Mogrovejo, então bispo da capital peruana. Chamava-se “**Doutrina Cristã e Catecismo do III Concílio Provincial de Lima**”.

Num pulo grande no tempo recorda-se agora a Igreja quanto bateu de fente no séc. XIX com o liberalismo, com o modernismo, sem esquecer o seu confronto com o socialismo. Novamente a sensação da in-

segurança no campo da Fé e as boas novas vindas de uma... “síntese de verdade”! Surgem então dois textos: um de J. Deharbe (1848) e posteriormente o texto de S. Pio X (1912) transformando a Fé em algo ligado às verdades, ritos, sacramentos e prescrições morais. Continha ele verdades que os católicos deveriam crer, mandamentos que deveriam obedecer. Antes deste texto cair em desuso foi transformado numa espécie de “pedagogia de decoreba”, muito mais preocupado em condensar na memória letras do que a mensagem do Evangelho. Enfim, foi produto do contexto de uma época!

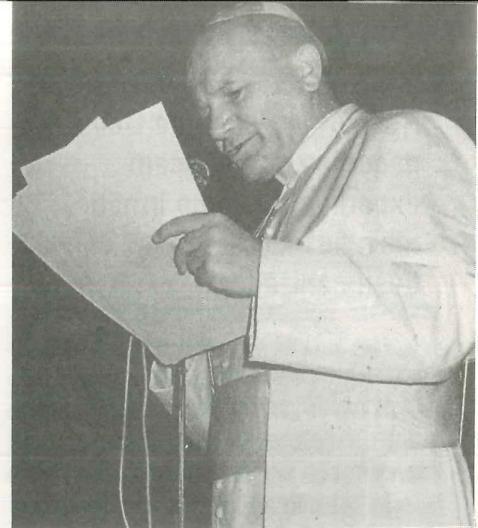
Assim até meados do séc. XX o **Catecismo** esteve ligado ao **Ensino e à Doutrina**. Posteriormente com as escolas católicas estendendo-se às demais classes sociais – afinal o ler e o escrever não poderiam continuar confinados somente aos bem situados economicamente – surgem as Congregações Religiosas comprometidas com o ensino formal. Aqui um dado novo: a **Catequese** transforma-se em **Educação Religiosa** e posteriormente embutidas nela... as **Aulas de Religião**!

Aí acontece o grande fato: o **Concílio Vaticano II** e com ele a catequese muda de rumo e de sentido! Na corrente dele surge na Europa o **Catecismo Holandês** que apareceu provocando polêmica (1966) e logo depois – também como consequência do mesmo Concílio – o Episcopado latino-americano se reune em Medellín (1968) onde produziu no II CELAM o Documento “**A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Con-**

cílio”. Nele ressurge uma catequese comprometida com “a dimensão social e comunitária do cristianismo formando homens comprometidos na construção de um mundo de paz” (Doc. Medellin nº 2,24). Este rumo é reforçado no III CELAM acontecido em Puebla (1979) através do Doc. “**Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina**” onde a senha da Igreja passa a ser “comunhão e participação”.

De Santo Domingo (1992) veio o documento “**Nova Evangelização – Promoção Humana – Cultura Cristã**” elaborada no plenário do IV CELAM. Outros desdobramento da Catequese: ela deverá estar inserida (cf. nº 49), na realidade de nosso Continente através da **Incultação da Fé**. Enfim, toda a Igreja da América Latina e Caribe comungante com a Igreja Universal dentro da “**Gaudium et Spes**” que nos fala estar ouvindo e sentindo “as alegrias e as esperanças, as tristezas dos pobres e de todos os que sofrem” que são exatamente as mesmas “alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS nº 1).

Em outubro de 1993, para comemorar o trigésimo aniversário da abertura do **Concilio Vaticano II** o Papa João Paulo II fez publicar a Constituição Apostólica “**Fidei Depositum**” para comunicar nela à Igreja Universal o texto do mais novo “**Catecismo da Igreja Católica**”. A Comissão que o elaborou pretendeu “levar em conta as diversas situações e culturas, mas que conservam cuidadosamente a unidade de fé e a fidelidade à doutrina católica”. Sem dúvida trata-se de um



João Paulo II publica em 1993, o Catecismo da Igreja Católica.

texto muito bem elaborado, teologicamente fundamentado onde se pretendeu também “evidenciar a missão apostólica e pastoral da Igreja”.

Não obstante há de se reconhecer, como cristãos do Terceiro Mundo e considerando o desafio da **Incultação**, tão solicitado em Santo Domingo, e do nosso empobrecimento crescente, que nossa América Latina e Caribe não foram muito contemplados nos enfoques desse Catecismo. Provavelmente por isto mesmo o Cardeal Arcebispo de Milão Carlo Maria Martini afirmou confrontando o Evangelho e o Catecismo: “O Catecismo não se propõe a ser uma atualização do Evangelho porque o Evangelho, em si mesmo, é sempre atual: o Catecismo tampouco pode substitui-lo. Mas o Evangelho e o Catecismo estão unidos. O Evangelho, em sua atualidade, permanece, é insuperável. E o Catecismo, em sua função humilde e necessária, aderindo à contin-

Ressurge a sede de Deus naqueles que buscam experimentá-lo no irmão mais sofrido e desumanizado.

gência histórica que, por ser irremediavelmente efêmera e, por conseguinte, fatalmente destinada a passar, renasce continuamente exigindo a sua atualização diante das mudanças históricas".

Inegavelmente, com ou sem catecismo, há um fato novo: o religioso está de volta não obstante todo tipo de ataque, desmoralização e perseguição pelos poderes políticos e até deslegitimação por parte da ciência. Retornando atrás desta busca a Fé, nota-se sede de Deus naquelas pessoas que cada vez mais desejam ouvir e experimentar-Lo na pessoa do irmão sofrido, desumanizado. Elas de fato estão cansadas de ver/ler

- Os cristãos – católicos e protestantes – têm o hábito de ler a Bíblia? Lêem com freqüência ou raramente?
- Como é lida a Bíblia? Como relato de acontecimentos históricos? Ela oferece informações científicas? Ou ensinamentos sobre Deus e o seu projeto para o Homem e o mundo? Exemplos.
- Temos o hábito de ler com atenção os comentários de teólogos e estudiosos que aparecem nos rodapés das modernas edições da Bíblia? São esclarecedores? Exemplos?
- Os catecismos que a Igreja tem editado, para cada época, têm sido úteis para a compreensão das mensagens bíblicas? Eles estimulam a leitura e reflexão bíblicas?
- Têm sido realizados cursos de Bíblia em nossa cidade? Despertam interesse? Temos possibilidade de realizá-los?

"Que o bispo não seja imposto aos fiéis contra o seu rebanho". (Papa Celestino I, século V).

proselitismo, ouvir teólogos e... ler catecismos! Assim o Anúncio da Fé retomando devagarzinho ao seu leito original à busca da verdade do Evangelho aderindo à humanização e percorrendo o caminho comprometido com a mesma Fé vivida em Comunidade dentro do modelo de Jesus de Nazaré. Pedro Ribeiro de Oliveira (in REDE nº 12, dez 93), de maneira muito feliz, lembra que "a Bíblia abriu para nós perspectivas que o catecismo havia escondido. O Evangelho já não mais passa pelos canais oficiais, mas vem pelos mais diferentes meios: comunidades, grupos, pastorais, movimentos e redes informais que não pedem licença às autoridades eclesiásticas para existir e agir dentro da grande Igreja. Essa gente está mais interessada na vida espiritual do que na vida eclesiástica. Sua teologia é cada vez mais bíblica, ecumênica e agora ecológica... e caminha em direção a uma nova forma de presença cristã na sociedade brasileira, sinal eficaz da Boa Notícia de Jesus."

Crescimento de população não lidera devastação

Uma idéia falsa

Guilherme Fiúza
Jornalista

A idéia de que o crescimento das populações pobres é o maior fator de degradação do meio ambiente global caiu por terra. Usada pelo bloco dos países ricos na queda de braço da Rio-92 – para adiar as medidas contra a poluição industrial –, esta noção foi sepultada na última reunião da ONU preparatória para a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, no Cairo, em 94.

A guinada na diplomacia internacional foi puxada pelos Estados Unidos, que expôs sua postura ambiental renovada pelo governo Clinton. Pela primeira vez nas últimas décadas, a posição oficial do país não recomendou o controle da natalidade para corrigir os desequilíbrios do planeta. Ao contrário, os EUA admitiram, também pela primeira vez, que os elevados padrões de consumo dos países industrializados são o maior fator de degradação ambiental da Terra.

- Como analizamos a questão do aumento da nossa população? Quais os riscos e benefícios?
- Quais seriam, hoje, os critérios para uma paternidade responsável?
- Como podemos colaborar com os casais que querem exercer essa paternidade responsável?

"As pessoas logo lhe dão crédito quando você faz comentários reprovaadores a respeito de si mesmo; e nada lhe aborrece mais do que vê-las acreditarem no que você diz." (Somerset Maugham)

"Representando menos de um quarto da população mundial, as nações desenvolvidas consomem 75% das matérias-primas e produzem igual percentual do lixo mundial", reconheceu o chefe da delegação norte-americana, Timothy Wirth. Segundo membros das ONGs brasileiras Ibase e Redeh (Rede de Defesa da Espécie Humana), presentes na reunião o discurso de Wirth foi interrompido várias vezes por aplausos do plenário, particularmente das ONGs.

Ex-senador democrata e antigo defensor de causas ambientais, Timothy Wirth deu voz governamental a princípios rechaçados até o fim pelo ex-presidente Bush. "Os cidadãos das nações desenvolvidas precisam reconhecer que nossos atuais padrões de consumo constituem o principal impacto sobre o meio ambiente global", sentenciou, marcando uma posição logo acompanhada pelos países europeus.

Família, promotora do bem comum

Antônio Mesquita Galvão
Teólogo leigo e bibliógrafo

É comum ler-se e ouvir-se que a família é a "celula mater" da sociedade humana. O homem, como animal político que é, precisa agregar-se em sociedade de indivíduos, e entre estas sociedades está a família, onde ele inicialmente é abrigado pela proteção de seus pais, pois, por incrível que pareça, o homem é dos poucos seres que, abandonado, não sobrevive. Posteriormente, na fase da maturidade, unindo-se a outra pessoa do sexo oposto, o ser humano busca formar a sua própria sociedade familiar.

Embora se ouça dizer que a estabilidade de uma sociedade passe invariavelmente pela solidez das famílias que a compõem, que a base de um modelo social desenha-se a partir do sistema familiar, constata-se que, nos dias de hoje, as famílias não estão logrando esse objetivo, uma vez que, mais do que nunca, a sociedade deteriora-se, social (na solidariedade) e moralmente (no cultivo de valores). O que se vê são postulados hedonistas, egoístas, superficiais e descomprometidos, ganhando corpo e assumindo posições, transitando através dos meios de comunicação como valores, embora, não resistam a uma análise um pouco mais apurada.

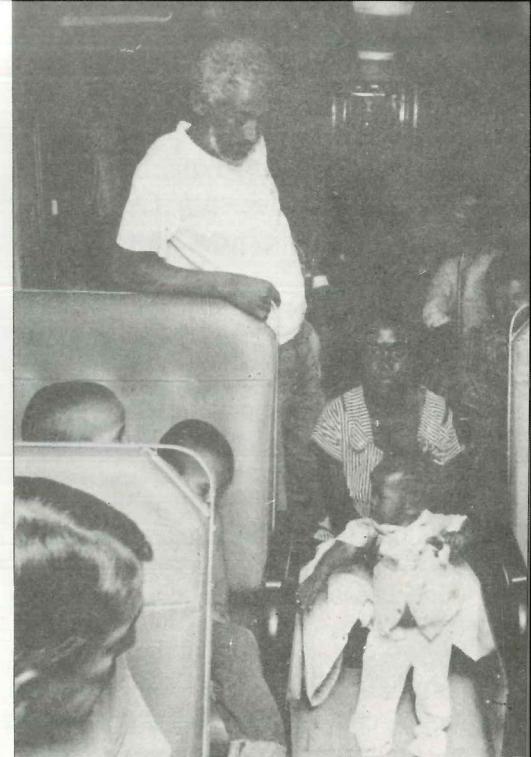
Há tempos se ouve falar na falência da família e no fracasso da continuidade conjugal. Estas teorias são apoiadas por artistas, comunicadores e intelectualóides. Na verdade, o que se vê são pessoas afetivamente inconsistentes que se jogam, de uma forma existencialista, a uma busca de emoções e sensações transitórias, intensas e espetaculares, porém incompletas, imperfeitas e que, após um ponto alto caem vertiginosamente, criando uma sensação de vazio, que os levará à busca de novas emoções. É como quem usa drogas, ou mais atenuadamente, o surfista que diariamente tem necessidade de uma dose forte de adrenalina, que ele obtém nos perigos do mar, das ondas e das pedras. Tudo resume-se a experiências de impacto que, pela pobreza de seus valores, não satisfaz, e consequentemente não atinge seus objetivos, criando vazios e necessidade de novas buscas.

A falência que se verifica, na verdade não é da família ou do matrimônio; infelizmente a falência verifica-se nas pessoas que, como tal, não têm, em grande maioria, uma capacidade afetiva, mas meramente instintiva e, como tal, egoísta. Ora se formos juntar um grupo de pessoas

falidas, incompetentes e desinteressadas, para compor uma determinada sociedade, seja ela cultural, política, desportiva ou familiar, o que teremos? Logicamente um fracasso! E por que? Porque as pessoas falidas irão levar, certamente, sua falência moral e comportamental ao novo projeto, não nos parece assim? Pois bem, assim ocorre num matrimônio, na constituição de uma família: se pegarmos dois jovens que já vêm de famílias falidas, que de família só têm o nome e a constituição jurídica (isso quando têm), e quisermos formar com eles uma nova família, o que teremos? Seguramente um fracasso, com raríssimas exceções. Se apanhamos duas pessoas egoístas, que só vivem pelo instinto, que são incapazes de uma atitude de renúncia, de perdão, de doação e de fidelidade a valores, em que resultará essa união? Num desastre total!

Agora, se duas pessoas cultivam o amor, não aquele amor que os existencialistas "fazem", cada dia com um parceiro diferente, mas um amor profundo, do qual o sexo faz parte, mas como parte e não essência, um amor rico em partilha de sentimentos, pleno de encontros e ajustes, cheio de gestos de carinho e generosidade, da colheita desse amor irão usufruir, por certo, de um amor perene, forte, crescente, testemunhal, pois o amor de fato, por ser a essência de Deus, não morre nem termina, mas cresce até plenificar-se.

Os meios de comunicação no Brasil, e em especial as novelas de TV pregam um amor diferente. É o amor-instinto, em que o sexo é o ápice, sem ligar para valores, senti-



As migrações do campo para as grandes cidades desagregam as famílias que buscam sobreviver.

mentos ou fidelidade. Interessante que a própria TV mostra, pela incessante troca dos parceiros nas novelas (e de muitos deles na vida real) que essa prática não os torna felizes, resultante, não raro, de tragédias, em que a realidade excede a ficção.

E o pior é que as novelas tornaram-se forjadoras da cultura de grande parte da classe média e baixa, em nosso país.

O aspecto econômico muitas vezes atenta contra a estabilidade da família. Na busca do conforto (ou às vezes do "ter mais"), pais e mães empenham-se em trabalhar mais, em estudos, viagens e obtenção de

As novelas de TV pregam o amor-instinto em que o sexo é o ápice, sem referência a sentimentos ou fidelidade.

cargos ou postos funcionais, e isso vai, aos poucos quebrando a unidade de família (embora a maioria dos envolvidos nesse processo neguem), afastando o marido da mulher, os pais dos filhos, conduzindo a todos, anos mais tarde, a uma bela residência, casa na praia, dois ou três automóveis, dinheiro no banco, mas também, numa crise de afetividade (às vezes até de fidelidade), indiferentes, competidores entre si, hostis e – em muitos casos – separados.

Com isso o tempo passa, os filhos crescem, as necessidades afetivas de todos não vão sendo satisfeitas e, mais tarde, embora rodeados de coisas materiais, todos estão pobres, em termos de amor, de afe-

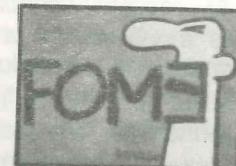
to, de participação nos verdadeiros valores da vida.

Por isso os grandes mestres afirmam que a família é quem promove o bem comum, desde que ela seja ninho e testemunho de valores universais, onde perfila-se, privilegiadamente, o amor.

Para transmitir à sociedade bases sólidas capazes de reerguê-la, a família precisa criar, em si e para si, mecanismos de defesa contra os golpes do consumismo, do egoísmo e de hedonismo que, diariamente, ela sofre. Com esse espírito, francamente cristão, de testemunho de amor, de respeito à vida e à dignidade das pessoas, de encontro e de participação, ergue-se a família cristã, peregrina e missionária, educadora na fé e formadora de pessoas dignas e competentes para o amor.

Esses são alguns dos pontos importantes para a construção (ou reconstrução, nunca é tarde) de uma família, modelo para a sociedade, ponto de partida para a remodelação e re-situação de critérios e estruturas de nossa sociedade.

- *Como podem as famílias colaborar para o bem comum? Como devem ser formados os filhos para que se disponham a assumir responsabilidades sociais e políticas?*
- *Que ações concretas realizamos ou estamos dispostos a realizar para promover o bem comum? Ou acreditamos que isto é responsabilidade apenas dos governos?*
- *Costumamos denunciar o que agide o bem comum? Colaboramos com idéias e atos para que prevaleça o bem comum? Exemplos.*



A fome é imoral.
O desemprego também.
Faça alguma coisa.



Reflexões sobre a humanização (III)

José e Beatriz Reis
Presidentes do IBRAF

5. A preservação da natureza

O ser humano vive imerso num contexto ambiental desenvolvido durante milhares de anos em equilíbrio delicadíssimo(...). Nossa planeta é parte do cosmo e, como tal, é maravilhosamente complicado(...). Um milhão e meio de plantas e animais vivem juntos nele, em um equilíbrio mais ou menos estável usando, de maneira continua, as mesmas moléculas do solo e do ar. Qualquer mudança nesse mecanismo complexo implica certo risco e por isso mes-

mo, deve ser empreendida com a maior responsabilidade, depois de prévio e sério estudo dos elementos em questão.

A terra sempre foi considerada pelos povos como mãe da vida, do alimento e da fertilidade. É o solo onde se vive e de onde se vive.

A exploração da natureza e da mulher se realizavam paralelamente com o amparo do sistema patriarcal que considerava ambas como seres passivos, submetidos ao homem.

A terra sempre foi considerada pelos povos como mãe da vida, do alimento e da fertilidade.

Estes, com suas empresas industriais, contaminam a água e o ar, com suas ações depredadoras, conduzem nosso planeta para um colapso ecológico de gravidade incalculável.

A luta pelos direitos humanos jamais poderá renunciar a lutar pela integridade da vida da criação lutando, ao mesmo tempo, para salvaguardar e melhorar a qualidade de vida de todos os seres viventes. Esta luta deve ser compreendida como a plena auto-realização do ser humano que desenvolve suas possibilidades enquanto ser social, imerso no cosmos.

O homem é, ao mesmo tempo, obra e artifício do meio que o rodeia, o qual lhe dá sustento material e a oportunidade de desenvolver-se intelectual, moral, social e espiritualmente.

Na lenta e tortuosa evolução da raça humana neste planeta se che-

- Podemos afirmar que cresce, entre nós, a preocupação com a proteção da natureza? Fatos que a comprovam ou desmentem.
- Desperdício, consumismo, reciclagem, queimadas, poluição, contaminação: o que temos a ver com essas coisas?
- O que temos feito para defender a natureza?

"Sempre me pareceu muito misterioso que um homem possa sentir-se honrado pela humilhação de seus semelhantes". (Gandhi 1869-1948).

gou a uma etapa em que, graças à rápida aceleração da ciência e da tecnologia, o homem adquiriu o poder de transformar, de inúmeras maneiras e em escala sem precedentes, aquilo que o rodeia.

Ambos os aspectos do meio humano – o natural e o artificial – são essenciais à vivência dos direitos humanos fundamentais, inclusive a direito à própria vida.

Chegamos assim a uma nova concepção dos direitos humanos. A consciência da espécie; a geração atual toma consciência de sua responsabilidade quanto à sobrevivência ou quanto ao desaparecimento de sua própria espécie sobre a terra – responsabilidade planetária que diz respeito, tanto ao presente quanto ao futuro.

Essa consciência orienta a opção pelas gerações futuras, pelos homens e mulheres e outros seres vivos que, no futuro, enfrentarão condições humanas ou desumanas, em consequência de nossos atos.

O mandamento bíblico "não matarás" (Ex 20, 13) se refere, não apenas aos indivíduos e povos atualmente vivos, (ou sobreviventes) (...) mas também às gerações vindouras que serão indefectivelmente condicionadas por nossa responsabilidade de evitar a destruição e contaminação ambiental de amanhã.



6. A consciência crítica

Essas reflexões nos devem ter despertado para a necessidade urgente de se partir para um processo educativo de toda a população sobre as perspectivas que elas nos abrem e sobre os modos concretos de realização que se apresentam a todos, como um desafio.

Esse processo educativo seria uma estratégia preventiva, visando impedir a violação dos direitos humanos impedindo, ao mesmo tempo, as consequências nefastas decorrentes dessa violação.

Essa experiência se faz sentir, especialmente nos países da América Latina onde a "violação dos direi-

tos humanos" – comum e considerada banal como as endemias – é disfarçada em colocações abstratas e perdem, em consequência, o poder de suscitar indignação.

Temos que descobrir as várias etapas desse processo educacional. Não basta, com efeito, "a descoberta do outro como um 'tu', nem a manifestação do 'eu' como identidade de nossa pessoa. É necessário reconhecermos o 'nós' para que exista vivência comunitária. Toda educação para a vivência dos direitos humanos deverá levar em consideração essa primazia do espírito comunitário nos diversos campos de relação social!".

Viver é con-viver: sem sociedade, o ser humano não sobrevive.

É bom lembrar mais uma vez:
Viver é con-viver. Toda existência humana é ato de presença. Toda pessoa con-vive necessariamente com seus semelhantes. Sem sociedade o ser humano não sobrevive.

As relações mais necessárias para essa sobrevivência se estruturam no trabalho para o próprio sustento da vida. E esse trabalho se articula em convenções sociais, legais, técnicas, etc., para que possa ter êxito. A presença que constituímos ao conviver e que nos envolve como uma atmosfera é sempre qualificada: é boa ou má, justa ou injusta, respeitosa ante a integridade da vida e dos direitos de cada um ou violadora desses direitos, etc. A relação social pode ser criadora de um ambiente gerador de vida ou pode envenenar e matar. Todos nós vivemos respirando inoculando um contexto social vital. Esse contexto social é como algo novo: nunca é estático, mas tem sua história, sua ideologia, seu metabolismo. Viver é existir nes-

- Será possível lutar pela humanização dos homens e de suas sociedades se não for despertada em nós uma consciência crítica?
- O que se entende por consciência crítica?
- O que fazer para possibilitar, em nossa casa, em nossa comunidade de amigos e parentes, em nosso ambiente de trabalho, em nosso país, o nascimento e o exercício dessa consciência crítica?

"Os homens são duas mãos sujas. Uma não se lava senão com a outra". (Provérbio africano).

te contexto social.

A verdade humana das relações sociais requer atenção à justiça ou injustiça que são sua expressão. E essa justiça está sempre referida à integridade da vida social, aos direitos e deveres sociais das pessoas, bem como do povo enquanto pessoa corporativa.

É importante sobretudo perceber que embora o caminho percorrido pela consciência da humanidade no campo dos direitos humanos tenha sido lento e tortuoso, muito maior é o caminho que nos resta percorrer e muitas são as coisas que temos que corrigir.

E imprescindível mudar a visão que temos desses direitos; é imprescindível que percebamos sua origem; eles não partem das maioria constituídas pelos não-pessoas, pelos empobrecidos e explorados. É preciso que todos em conjunto cheguemos a uma consciência universal que nos leve a lutar incansavelmente para realizar aquilo que foi proclamado como direitos humanos e, como consequência, como direitos dos povos.

A educação que preconizamos nos deve levar a passar do discurso à prática, do papel à realidade, às exigências dos direitos proclamados.

Para-liturgia



Celebração de Natal

Celebrante:

Leitura do Evangelho do Nascimento de Jesus:

José subiu de Nazaré para a cidade de Davi, chamada Belém, na Judéia, porque era da família de Davi. Vai para recensear-se, juntamente com sua esposa Maria, que estava grávida.

Comentarista 1:

Enquanto estavam lá, completaram-se os dias da gestação. E Maria deu à luz o seu filho primogênito, envolvendo-o em faixas, e o deitou numa mangedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.

Comentarista 2:

A criança de Belém, por seu nasci-

mento pobre e pela fuga, logo depois, para um país estranho, é símbolo das crianças empobrecidas pela sociedade mal organizada.

Comentarista 1:

E no Brasil, essas crianças empobrecidas e abandonadas são 36 milhões! Jesus está entre elas. É af que ele quer ser encontrado. É dali que ele nos observa. É junto dessas crianças marginalizadas, que Jesus espera a nossa resposta às suas surdas interpelações.

Todos:

Meninos, meninas, / que vieram fazer neste mundo? / O mundo é tão velho / para receber vocês... / Crianças cansadas, / sentadas no chão, / calaram seu canto / e choraram seu pão.

Salmo 127

Comentarista 2:

Cada pai, cada mãe, vive, como nós, todas as suas esperanças, dedicam seu trabalho, oferecem sua participação nas estruturas do mundo, por que? Por causa de seus filhos.

Comentarista 1:

Não trabalhamos apenas, por um futuro, sem face e sem nome.

Não trabalhamos apenas por um mundo distante, que nem vamos conhecer.

Comentarista 2:

Cada um de nós trabalha, cada um de nós vive, para que possam viver melhor, nossos filhos, e os filhos de nossos filhos.

Todos:

Carregam os olhos de nossos filhos, / a esperança das gerações. / Sabemos que algo maior há de vir, / esperamos a salvação do Senhor, / do Senhor esperamos a libertação / de tudo o que nos opriime e escraviza. / Esperamos a própria vinda do Senhor. / E Ele nos chega como frágil criança, / deitado no presépio.

Comentarista 1:

Cada geração realiza, seu gesto mais decisivo, quando gera a geração seguinte.

Comentarista 2:

Cada geração vive e dá vida, para preparar o mundo, para a geração seguinte.

Todos:

Viver e dar vida, / devem conjugar-se, / de modo reciproco e harmonioso, / para que possa existir a humanidade.

Comentarista 1:

A acolhida de Jesus às crianças, parte da opção de estar ao lado dos mais

fracos, de caminhar ao lado dos mais débeis, oferecendo o amor do Pai, que o mundo lhes nega.

Comentarista 2:

"Abraçando-os, Jesus os abençoava, impondo a mão sobre eles", lemos no Evangelho de Marcos.

Celebrante:

Os homens e as mulheres, com todas as suas limitações, são chamados igualmente, a oferecer o amor do Pai, aos mais fracos, aos mais débeis, desta sociedade injusta. Esse amor deve transformar as relações de uns com os outros, as relações de trabalho, as relações sociais e políticas, de modo que floreça a justiça e a equidade, onde hoje predomina a dominação e a competição, a opressão e o desrespeito à dignidade do outro, a miséria e a marginalização de muitos.

Comentarista 1:

É nesse amor, condicionado e limitado, que se revela o Senhor. É nessa doação, ainda pobre e imperfeita, que se realiza a doação do Senhor.

Comentarista 2:

Jesus, ao acolher as crianças, acolhia os mais fracos e desprotegidos da sociedade. Mas Jesus também foi criança, como o vemos hoje, deitado na mangedoura. E cresceu.

Todos:

"E Jesus crescia, / em tamanho, sabedoria e graça, / diante de Deus e dos homens", / é a notícia do Evangelho de Lucas.

Comentarista 1:

Assim deveriam crescer as crianças. Por isso, esta notícia de Lucas, é também uma denúncia candente em favor de milhões de crianças, sem chances de crescerem, em tamanho, sabedo-

ria e graça, diante de Deus e dos Homens.

Todos:

"Bem-aventurados os pobres, / porque deles é o Reino dos Céus".

Comentarista 2:

Quando falamos de crianças desprotegidas e abandonadas, não nos esqueçamos que têm ou tiveram famílias, impotentes, pela miséria, para responder às suas necessidades.

Comentarista 1:

Também nós temos família, somos famílias, com muitos privilégios, e por isso mesmo, responsabilidades maiores, missão mais exigente.

Todos:

O que fizemos dos nossos privilégios? / O que fizemos de nossa missão?

Comentarista 2:

A maioria das famílias vive em favelas, a maioria dos pais se consome no trabalho mal remunerado, a maioria das mães se desgasta no tanque, na fila da bica d'água, no fogão de comida rara, a maioria das crianças se atrofia pelas condições desumanas de vida, de moradia e saúde.

Comentarista 1:

E nesta noite em que celebramos o nascimento de uma criança, não nos esqueçamos delas.

Comentarista 2:

E que nossa própria família também renasça, sendo no mundo, sinal de esperança e presença transformadora, ao lado dos mais fracos, assumindo a sua causa, lutando por sua libertação.

Todos:

E surgirá, / não sabemos quando, / a família nova, / simples e despojada / da

Feliz és tu que temes o Senhor
e andas no seu caminho!

Ganhárai duas mãos o pão que comes
e viverás feliz.
Tua esposa é a parceira carregada
no coração da casa.
Brotam teus filhos como as oliveiras
em torno à tua mesa.

Eis com que bens será abençoado
o que teme o Senhor!
De Sião te abençoe, e possas ver
Jerusalém feliz;
vê-la feliz ao longo dos teus dias
e os filhos de teus filhos!

Féz sobre Israel!

veste dos séculos. / Família sem bagagens, / leve porque sem enfeites, / rica,
na medida do seu despojamento, / coração aberto / às necessidades do mundo.
Surgirá a família nova, / presente no mundo novo, / para fecundá-la / para construí-lo, / para amadurecê-lo, / para consagrá-lo.

Comentarista 1:

A este mundo entregamos nossos filhos, comprometidos igualmente com a sua transformação e libertação, assumindo essa missão, com todos os riscos que isto implica.

Todos:

Amém! Aleluia! Aleluia!

Canto

"Noite Feliz".

"Conversando é que a gente se entende"

Carlos: – A gente tem se reunido para discutir quase toda semana, mas eu acho que ninguém tem paciência de ouvir o outro. A gente está mais a fim é de impor as suas idéias aos outros!

Fernando: – Até que não! Eu escuto tudo direitinho que vocês querem meter na minha cabeça, antes de dar meus palpites. Agora: tem coisa que eu aceito e tem coisa que eu não aceito.

Maria: – Eu tenho aqui as minhas idéias, que eu defendo, mas tem muita coisa diferente do que eu pensava que agora já estou aceitando. Eu não sou tão fechada como vocês pensam!

Carlos: – É, está bem, mas eu acho que falta um pouco mais de confiança entre nós. E sem confiança, a gente não consegue ser sincero e dizer o que vai bem lá por dentro.

Joana: – Até que nós temos aprendido algumas coisas uns com os outros nesses papos. Quando um reage contra o que o outro disse, é porque não sabe se colocar no lugar do outro, pra entender por que é que ele pensa assim.

Pedro: – É que a gente também não criou o hábito de saber ouvir o outro. Não sabemos prestar atenção no que o outro quer dizer. É só ele abrir a boca pra falar, que a gente logo adivinha o

que ele vai dizer, e não presta atenção mais.

Juca: – Se nós vamos continuar nos reunindo pra esses papos, acho bom combinarmos algumas regras. Por exemplo: fala um só de cada vez, e os outros prestam atenção, em vez de achar que já sabe o que ele vai dizer...

Fernando: – E ninguém pode querer ser o dono da verdade. Idade aqui também não é documento. Vocês tem mais idade do que eu mas minha opinião pode ser melhor do que a de vocês em muita coisa!

Carlos: – Estou com o que o Juca disse: vamos combinar umas regras para as nossas conversas. Seriam as nossas regras para um diálogo que sirva para alguma coisa.

Maria: – Eu acho que uma coisa que a gente tem que estar disposto é se dar a conhecer, nesses diálogos. Nada de ficar com medo de se revelar. Temos que ter confiança uns nos outros. Diálogo é assim. Se não, fica sendo papo furado...

Pedro: – É... e é se dando a conhecer que cresce a nossa amizade, que é coisa rara hoje em dia. Se um cara se fecha, não se comunica, só diz o que os outros querem ouvir, tem medo de se revelar aos outros, acaba sendo uma ilha, sem contato com o resto

do mundo. Vai acabar pirando!... Não há coisa mais assustadora que o isolamento e a solidão.

Carlos: – Você disse uma coisa importante: a solidão é uma coisa que dá desespero e angústia. E às vezes, a gente vive solitário, mesmo no meio de muitos amigos e colegas, na escola e no trabalho. Até na família. Pode-se estar cercado de gente e viver solitário. Quem não se comunica... está frito. Ou se trumbica, como dizia o Chacrinha...

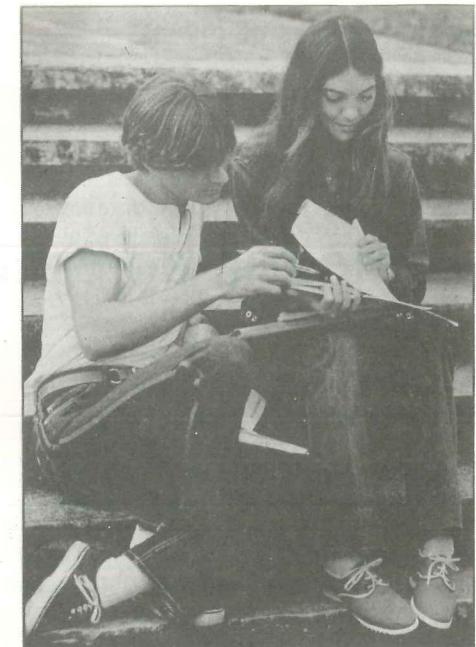
Maria: – Eu às vezes sinto essa solidão. É horrível. É muito comum em muitas pessoas. Até nas famílias a gente vê isso. As pessoas vivem juntas mas não se comunicam! Não sabem dialogar.

Carlos: – Então, vamos fazer o que o Juca propôs: quais as regras para um diálogo que seja uma comunicação de verdade? Assim vai valer a pena a gente continuar se encontrando para conversar. Todo mundo de acordo?

Fernando: – De acordo! Quem vai começar?

PERGUNTAS PARA A REUNIÃO:

- *Como você julgaria as opiniões e atitudes dos personagens deste diálogo? Pedro? Juca? Joana? Maria? Fernando? Carlos?*
- *Quais as suas opiniões sobre o diálogo? O que favorece um bom diálogo? O que dificulta qualquer diálogo?*
- *Para que serve dialogar?*
- *Nossas reuniões estão sendo proveitosas? Estamos sabendo dialogar?*
- *Em família, está fácil dialogar? Pode melhorar? O que depende de mim?*



REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO-LIBERTAÇÃO

Deus prepara o seu Povo para o mistério da Salvação-Libertação que realizará através de seu Filho.

Ele fala aos homens pela boca dos profetas, que pregam insistentemente a aliança e a fidelidade.

A pregação é feita pela palavra. Não a palavra de opressão mas aquela que revela e liberta.

Este é o papel dos profetas: o anúncio e a denúncia, pela palavra.

Anúncio da salvação-libertação do Homem em Jesus Cristo, o Messias que o Povo eleito espera com ansiedade (Is, 42, 1-4; 34, 23-31; Mq 5, 1).

Denúncia de todas as formas de escravidão, opressão, idolatria, hipocrisia, falta de compromisso com a justiça, e de tudo o que afasta os homens de Deus (Is 5, 8-23).

A alegria do encontro

Maria: – Minha gente, tem festa lá em casa sábado à noite. Todo mundo convidado. Minha irmã fica noiva do Renato.

Joana: – Noiva? Que coisa mais antiga!... Ainda tem gente ficando noiva?...

Maria: – Ué, é que eles estão marcando o casamento. Estão assumindo uma responsabilidade um com o outro. Isso é que quer dizer ficar noivo. Que é que está errado nisso? O moderninho é não ficar noivo?

Joana: – O que conta é os dois se gostarem. Essa de festa e anelzinho é caretá. Até casamento está saindo de moda... as pessoas se gostam e saem vivendo a sua vida, ninguém tem nada com isso. Ou é papel assinado que resolve? Ou bênção de padre?

Pedro: – A Joana está certa numa coisa: o que conta é os dois se gostarem. O amor é a base essencial. Casamento é isso. Mas o projeto de vida a dois tem muitas implicações e consequências para muita gente, não só para os dois. Sem contar os filhos que podem vir. Por isso, tem lógica assumir compromissos perante a comunidade. Tanto a comunidade civil como a comunidade cristã, se os dois forem cristãos, é claro.

Joana: – Que adianta assumir

compromissos se depois eles não são cumpridos? Antigamente pode ser que fossem assim. Mas hoje, os casais se casam e descasam à vontade...

Pedro: – Não é bem assim. Você anda vendendo novelas demais. Há crises, há separações, mas tem muita gente se esforçando e conseguindo cumprir os compromissos que assumiram, uns com os outros, por causa do amor que existe e que querem que continue existindo por toda a vida.

Maria: – Eu sempre tive dúvida: pra quê casamento civil se se casa no religioso? Não bastava um?

Pedro: – Cada qual tem seu significado: o casamento civil é o compromisso dos dois com a sociedade civil e o compromisso da sociedade civil com a nova família, para que ela se beneficie das leis que deveriam protegê-la. É claro que isso nem sempre funciona, a gente já sabe disso.

Maria: – E o casamento religioso?

Pedro: – É um sinal ou Sacramento. Sinal de quê? De que está se fazendo uma união parecida com a união de Deus com os homens todos. Além disso, os que estão ali presentes, estão assumindo com o casal a responsabilidade de ajudá-los na vida nova

que vão começar. Tudo isso tem sentido. Até pra quem não é cristão.

Carlos: – A questão é que essas coisas foram perdendo o sentido, as famílias gastando o que têm e o que não têm para esnobar luxo. E até o pobre faz dívida pra garantir um casamento caro.

Pedro: – E tem gente que não acredita em nada disso, mas se casa na Igreja porque acha que dá sorte. Por pura superstição...

Fernando: – E será que não dá sorte?

Juca: – E essa história de jurar que é pra vida toda? E se não der certo? Valeu a jura? Se não valeu, pra que jurar?

Pedro: – Tem muito casal que está levando o casamento pra vida toda. Mas é claro que isso não é por causa de um juramento. É porque o amor deles era de fato amor. A coisa está mesmo é ai.

Joana: – Então o que eu estava dizendo não estava certo?

Pedro: – Só nisso de amor ser a base.

Maria: – E a festa da minha irmã? Todo mundo lá, no sábado?

PERGUNTAS PARA A REUNIÃO:

- Como você julgaria as opiniões e as atitudes de cada um dos personagens deste diálogo: Maria? Joana? Carlos? Fernando? Juca? Pedro?
- Quais são as suas próprias opiniões sobre as questões tratadas neste diálogo? Como você encara o casamento?
- Vamos tirar conclusões: em que concordamos? – em que discordamos?
- Qual é o seu projeto de vida? Você tem um projeto?

REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO-LIBERTAÇÃO

"E disse Deus: Por isso o homem deixará o seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e serão uma só carne" (Gn 2,24).

A partir da união do homem com a mulher (casamento), Deus cria a família.

O homem é um ser pessoal e social. De todas as criaturas, é a única capaz de amar e de estabelecer forma de relação interpessoal privilegiada, de potencialidades inesgotáveis: a relação conjugal, fundada no amor entre um homem e uma mulher, que aceitam um projeto de vida-a-dois, com todos os desafios que este projeto carrega consigo.

Se esta união se estabelece de modo adulto; fruto de uma opção livre, consciente e responsável, ela se faz indissolúvel, como exigência natural do amor em que está fundada.

"E serão uma só carne" (Gn 2,24).

Já no relato da criação, torna-se claro que Deus quer conferir uma dimensão específica à união conjugal.

Nela estarão contidas todas as exigências do amor fraternal, base das verdadeiras relações interpessoais; doação e aceitação, promoção e ajuda mútuas.

Mas a estas características do amor se acrescenta a união sexual, com todas as suas potencialidades e seu rico simbolismo, fonte de alegria construtiva e fecunda.

A união sexual é celebração do amorconjugal e sinal da íntima relação entre Deus e o Homem.



Família e política

Muita gente fica se queixando dos maus políticos.

"Precisamos de bons políticos!" – dizem todos.

Mas quando um jovem começa a se interessar pela política, vem a família e corta: "Não se meta nessas coisas! Política é coisa suja".

E assim se mata o bom político antes de nascer. É como um aborto.

Devia ser o contrário. Se os filhos começam a protestar contra injustiças na escola, ou querem participar de uma passeata no seu bairro, a família devia apoiar e "botar lenha na fogueira".

Porque é assim que se desenvolve uma vocação política: participando de grêmios escolares, diretórios acadêmicos, associações de bairros e movimentos populares.



E mais: filhos muito pacatos e acomodados deveriam ser provocados pelos pais. Não será bom, para eles, crescerem alienados, desligados dos acontecimentos, conformistas, pensando pela cabeça dos outros, incapazes de compreender o mundo em que vivem.

Os pais têm experiência e princípios éticos para transmitir aos filhos. Também devem aprender com seus filhos as coisas novas que vão surgindo na sociedade e na política. As mudanças não param e são cada vez mais rápidas.

É nessa troca que se vai formando e amadurecendo a consciência política de todos, dentro da família. Firmam-se os princípios éticos da justiça, da cidadania, da honestidade, da moral pública, da liberdade, do respeito aos direitos humanos, do compromisso com o bem comum.

Se isso acontecer, as famílias estarão gerando uma nova geração de bons políticos. O Brasil vai precisar deles.

É claro que a ação política, como tudo na vida, traz riscos.

Pior seria deixar o país nas mãos de aventureiros que se tornam políticos apenas para cuidar dos seus negócios e defender interesses pessoais, distantes da busca do bem comum.

A Igreja afirma que a ação política é, hoje uma das formas mais nobres de ser cristão no mundo. Cabe às famílias despertar em seus membros essa vocação.

**Comida e emprego.
Antes que seja tarde.**

Leia e assine

fato e razão

UMA REVISTA PARA LER
RELER E GUARDAR



**Peça os números
que faltam
na sua coleção**

Pedidos de numeros ja editados e assinaturas de numeros futuros devem ser enviados à Livraria do MFC com cheque em cruzeiros equivalente a 2.50 dólares para cada exemplar e 10 dólares para assinatura dos próximos 4 números.

Livraria MFC

Rua Espírito Santo 1059/1109
30160 Belo Horizonte-MG

